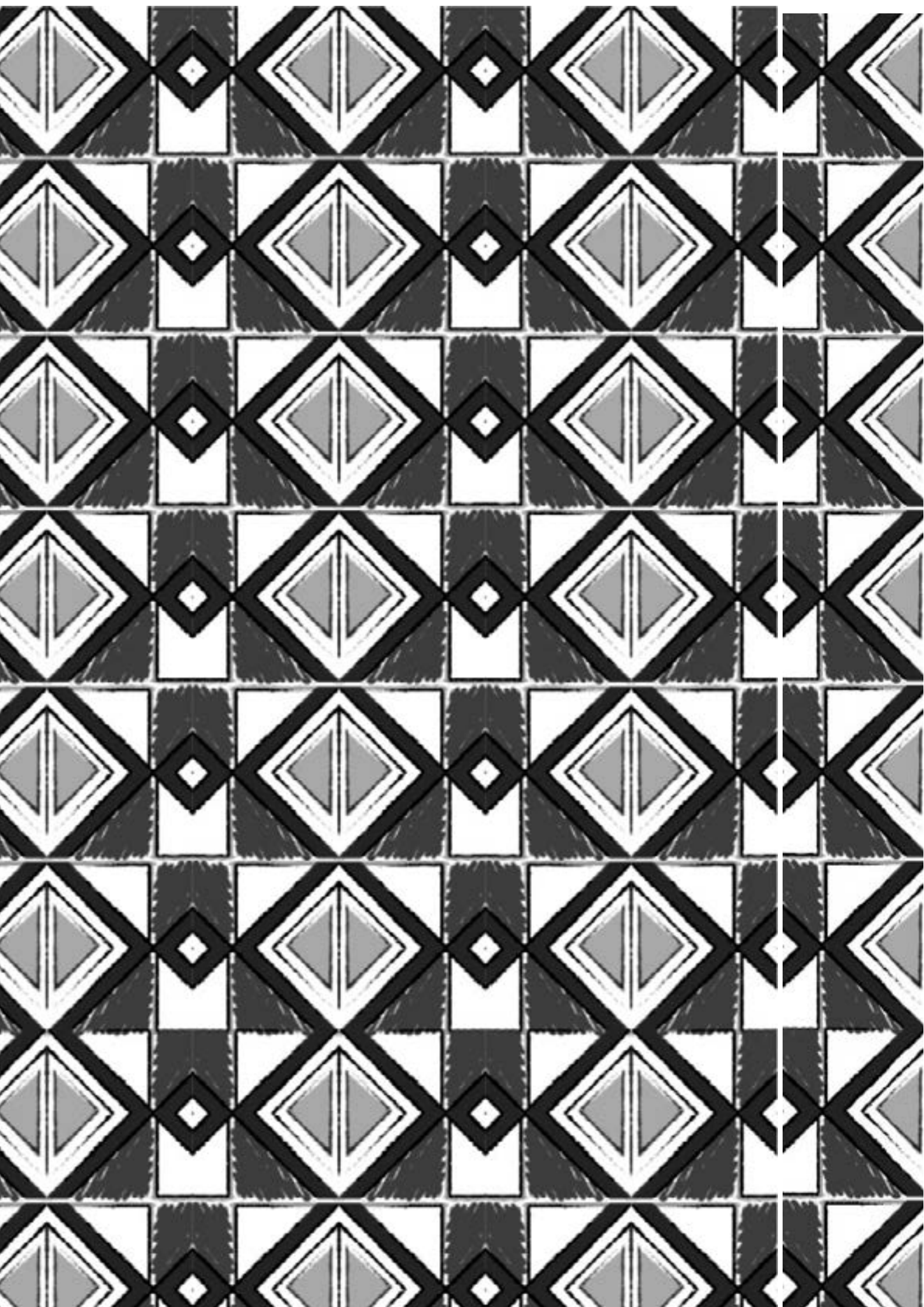
COLEÇÃO DIDÁTICA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO - REDE UFMT | POVO UMUTINA

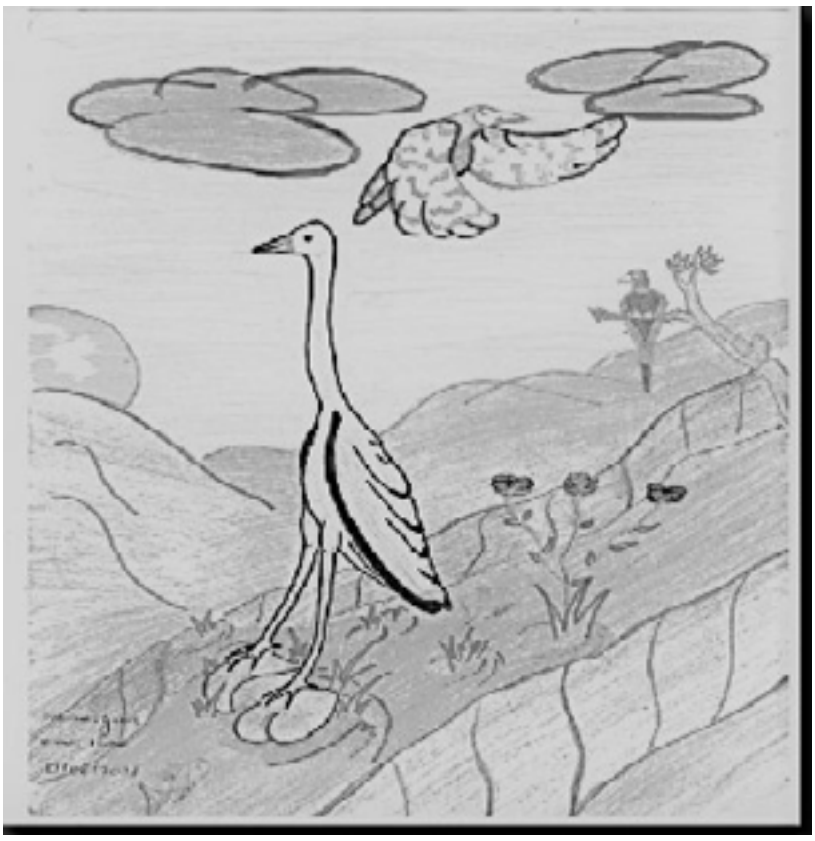
COLEÇÃO DIDÁTICA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO
POVO UMUTINA

CADERNO BALATIPONÉ-UMUTINA ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

CUIABÁ
REDE UFMT - UNEMAT - UFR
2022



CADERNO BALATIPONÉ-UMUTINA
ALFABETIZAÇÃO E LEITURA



Rede
UFMT - UNEMAT - UFR
Cuiabá-MT | 2022

Copyright © Universidade Federal de Mato Grosso - MT, 2022.
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Equipe de Execução
Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso
Ação Saberes Indígenas na Escola – REDE UFMT

Coordenação Geral
Beleni Saléte Grando

Coordenadora Adjunta
Neide da Silva Campos

Supervisor
Leures Athaide Da Silva
Alceu Zoia
André Guilherme Brandao dos Santos

Formador Pesquisador
Micael Turi Rondon
Rosenildo Pereira
Marcio Monzilar Corezamae
Felix Rondon Adugoenau
Lucas Rurio

Formador
Isabel Teresa Cristina Taukane
Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira
Eglen Silvia Pipi Rodrigues
Adriane Cristine Silva

Coordenador da Ação
Darlene Yaminalo Taukane
Caimi Waiasse Xavante
Maria Izabel Rup
Oscar Wa Raiwe Urebete
Ronelia do Nascimento

Edição e Revisão
Beleni Saléte Grando
Neide da Silva Campos
Alceu Zoia
Darlene Yaminalo Taukane
Eglen Silvia Pipi Rodrigues
Isabel Teresa Cristina Taukane
Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira
Ronélia do Nascimento

Diagramação e Arte
José Miguel dos Santos
Stephany Giovanna Paipilla Fernandez

Editoria | Distribuição
Ação Saberes Indígenas na Escola – REDE UFMT
Grupo de Pesquisa Coeduc/UFMT – www.coeducufmt.org

Tiragem: 160 exemplares

Gráfica: VT PRINT

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Dados Internacionais de Calalogação na Publicação (CIP)

C122 Caderno Balatiponé - Umutina: alfabetização e leitura / Povo Balatiponé Umutina. - Cuiabá: UFMT, 2022.
96 p.;il.- (Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso").

ISBN 978-65-86743-60-9

1. Povo Balatiponé/Umutina. 2. Formação de professores. 3. Povos Indígenas - Educação. 4. Professores Indígenas - Formação. 5. Saberes Indígenas. 6. Educação - Mato Grosso. I. Título. II. Título: alfabetização e leitura.

CDU 337.8 (817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

CADERNO BALATIPONÉ-UMUTINA
ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

Rede
UFMT - UNEMAT - UFR
Cuiabá-MT | 2022

MEC/ Ministério da Educação e Cultura
Esplanada dos Ministérios - Edifício Sede - Sala 300 - Cep: 70047-900 - Brasília – DF

UFMT/Universidade Federal de Mato Grosso
Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura/Faculdade de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Educação
Av. Fernando Correa da Costa, 2.367 – Boa Esperança - CEP: 78060-900 - Cuiabá – MT

UFR/Universidade Federal de Rondonópolis
Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Avenida dos Estudantes, 5055 - Cidade Universitária – CEP: 78736-900 - Rondonópolis – MT

UNEMAT/Universidade do Estado de Mato Grosso
Câmpus Universitário de Sinop
Av. dos Ingás, 3001 - Jardim Imperial, Sinop - MT, 78555-000

Câmpus Universitário de Cáceres
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu,
Cidade Universitária - Bloco I (Atrás do museu)
Av. Santos Dumont, s/n - Bairro DNER - CEP: 78.200-000 - Cáceres-MT

Câmpus Universitário de Juara
Campus de Juara de Educação - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Endereço: Rodovia Juara/Bransnorte Km 02 - CEP: 78.575-000 – Juara - MT

Câmpus Universitário de Barra do Bugres
Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII)
Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour - Rua A, S/n, Bairro Cohab São Raimundo – CEP: 78.390-000 -
Barra do Bugres - MT

Professores cursistas (organizadores)/formação
Marcio Monzilar Corezomaé
Luizinho Ariabô Quezo
Jairton Kupodonepá
Eneida Kupodonepá
Osvaldo Corezomaé Monzilar
Edna Monzilar
Eliane Boroponepá Monzilar
Clícia Tan Huare
Rosinete Zoizoquialo amajunepá
Silvinho Amajunepá

Textos e Ilustrações
Marcos Corezomaé Monzilar
Pedro Henrique Iukwui Cupodonepá
Murilo Atukware Kupodonepá Monzilar Ipaqueri
Analuz de Oliveira Calomezoré
Lucian Calomezoré
Klara Nicoly Sousa Uapodonepá
Kayna Ajigui Korizomaé
Katã Azoinase Calomezoré
Isabela Monzilar Calomezoré
Samara Andressa Uapodonepá Prikokoreu
Paola Amajunepá
Awmatari Monzilar Corezomae Tan Huare
Bruna Enemaré Amajunepá
David Azaw Tan Huare
Hainoã Tan Huare Gonzaga Ariabo Calomezoré
Kauan Angelo Calomezoré de Oliveira
Pablo Calomezoré Uapodonepá
Iris Enemaré
Apollo Amajunepá
Ana Sofia Boroponepá Calomezoré Teodoro
Edgar Monzilar Barreto Medrado
Fabricio Amajunepá Uapodonepá
Gabriela Monzilar Calomezoré
Gustavo Boroponepá Amajunepá
Kawe Corezomaé Amajunepá
Meirielle Corezomaé
Yuri Corezomaé Calomezoré
Israel Hironno Tan Huare
João felipe Boroponepá Calomezoré Teodoro
Karen de Souza Amajunepá
Laynara Ipaqueri Quezo
Marcondes Corezomaé Monzilar
Marjory Amajunepá Uapodonepá
Miguel Tan Huare Ariabo Kalomezoré
Adryan Felipe Uapodonepá Calomezoré
Amanda Suelen Enemaré Quezo
Cleiciellye Calomezoré da Silva
Igor Jones Amajunepá
Keyla Maylla Kupodonepa Silva
Lyan Calomezoré Boroponepá
Taila Monzilar Corezomae Tan Huare
Kátia Nayara Amaunepá
Bruno Enemaré Amajunepá
Darcy Amajunepá
Emily Vitória Calomezoré Boroponepá
Kaike Apicoré Amajunepá
Noamy Ferreira Corezomaé
Ruan Pablo de Sousa Amajunepá
Gean Corezomaé Amajunepá
Tamires Simaye Alves Calomezoré
Cacildo Amajunepá

Autor da capa
Gean Corezomae Amajunepá

Supervisor de pólo
Leures Athaide Da Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 6
APRESENTAÇÃO DO LIVRO 9
AS VOGAIS DA LÍNGUA BALATIPONÉ-UMUTINA 11
ALFABETO ILUSTRADO DA LÍNGUA BALATIPONÉ-UMUTINA 13
NARRATIVA MÍTICA DO POVO INDÍGENA BALATIPONÉ-UMUTINA 18
CRIAÇÃO DOS HOMENS 20
O ROUBO DAS FLECHAS 25
O ROUBO DA PANELA 30
ZAPÁLO E AS DUAS ESTRELAS 34
ORIGEM DO FEIJÃO-FAVA, PIMENTA, MANDIOCA E BATATA-DOCE 38
ORIGEM DOS RIOS 43
ORIGEM DOS PEIXES 47
RYOKORÉ IMOTÔ 51
HARÉ IMOTÔ 79
OS ANIMAIS DA MINHA TERRA 88

APRESENTAÇÃO

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE/MEC) em Mato Grosso se constituiu em 2016 como Rede de Instituições de Ensino Superior (públicas) com o convite da Coordenação do Programa do Ministério da Educação (Secadi/MEC) sob a coordenação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT de Cuiabá). Para composição da Rede UFMT, as professoras Beleni Grando[1] (PPGE) e Áurea Santana[2] (PPGEL) convidam as professoras Marly Augusta Magalhães da UFMT de Barra, Ema Marta Dunck-Cintra do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT de Cuiabá) e os colegas da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat de Sinop e Juara), professores Alceu Zoia e Waldinéia Ferreira. Em novas composições participaram na segunda edição o professor Maxwel Miranda da UFMT-Barra do Garças e a Professora Eglen Rodrigues, que se manteve no projeto vinculada à Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

Nesta rede interinstitucional, sem sucesso, buscamos muitas vezes efetivar parcerias oficiais com a Secretaria de Estado de Educação e com o Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, mas isso não impediu compromissos assumidos por professores vinculados aos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPROs) de Tangará da Serra, Cuiabá e Barra do Garças, como Hellen de Souza, Neide da Silva Campos e Oscar Wa Raiwe Urebete e às Assessorias Pedagógicas em momentos específicos de Rondonópolis, Santo Antônio do Leverger, Barra do Garças e Cáceres.

Contamos ainda com o trabalho de muitos professores indígenas que atuaram como mediadores institucionais, além de assumirem, conforme os diferentes papeis assumidos no Projeto junto ao SIMEC/

1 Professora Doutora em Educação e Pós-doutorado em Antropologia Social, vinculada à Faculdade de Educação Física e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Políticas e Educação Popular, na qual orienta mestrado e doutorado na temática da educação indígena e da educação intercultural e formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura (Coeduc/PPGE/UFMT/CNPQ).

2 Professora Doutora em Linguística, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na Linha de Pesquisa: História, Descrição, Análise e Documentação de Línguas Faladas no Brasil, na qual orienta Mestrado e Doutorado na temática das línguas indígenas, da educação intercultural e da formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI/PPGEL/UFMT/ CNPQ).

MEC: professores pesquisadores, formadores, orientadores pedagógicos e cursistas. E institucionalmente, contamos oficialmente com as Secretarias Municipais de Educação (SEMECs) de Sapezal, com a professora Maria Margarete Valentim e de Campo Novo do Pareci, com a professora Míriam Kazaizokairo.

Como parte do Programa de Formação Continuada de Professores Indígenas o Projeto vinculou-se ao Ministério da Educação a convite da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), a Rede ASIE UFMT, se estruturou em três etapas: a primeira de 2017-2018, a segunda de 2018-2019, esta, de 2020-2021. Em todas foram realizadas formações em parceria com pesquisadoras e pesquisadores das IES, das secretarias de educação e dos povos indígenas envolvidos. Com as formações, os professores indígenas em cada aldeia e escola, elaboraram seus materiais didáticos que foram publicados também em três edições. A primeira assumida pela Unemat de Sinop, MT publicou os livros dos Povos Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku e Terena; a segunda pela UFMT e IFMT, a "Coleção Saberes Indígenas na Escola", com a Editora da UFMT, publicou oito volumes dos livros: Bororo, Balatiponé/ Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi-Haliti e Paresi-Waymare, Wakalitesu/Nambikwara e Manoki/Irantxe, e o volume 9 com textos que avaliam o Projeto da Rede UFMT e do Programa ASIE, como política nacional específica para os povos indígenas do Brasil.

As professoras e professores em Mato Grosso, em diferentes funções no Projeto ASIE Rede UFMT, efetivaram ações de forma solidária para além da institucionalização formal, garantiu em parcerias fundamentais de professoras e professores formadores, pesquisadores, orientadores e docentes das escolas indígenas envolvidas a formação em ação e a produção de materiais didático – livros didáticos que atendem aos professores e estudantes das escolas indígenas.

Nesta terceira etapa do Projeto ASIE da Rede UFMT/MEC, constituída pela UFMT de Cuiabá, a Unemat de Sinop e Juara e pela UFR (Rondonópolis), temos o prazer de apresentar a Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso", que resulta deste trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores indígenas de cada povo que garantiram a organização de livros didáticos que atendem cada realidade, considerando os desafios enfrentados em tempos tão complexos, pois foram elaborados

coletivamente dentro do período de pandemia pelo Covid-19.

Essa realidade complexa e cheia de contradições e limitações socioeconômicas e políticas, em 2020 envolveu as pessoas do "Saberes Indígenas" luta cotidiana travada para garantir a vida e a saúde dos anciões e das famílias em cada aldeia, seja com a construção de barreiras sanitárias, com as lutas pela comida, pelo enfrentamento às queimadas e pelo permanente acirrado avanço dos invasores de seus territórios e suas organizações orgânicas, espirituais e políticas tradicionais. Também neste cenário, os professores indígenas enfrentaram em Mato Grosso o desafio das burocracias do controle do trabalho remotamente sem as condições mínimas de acesso aos recursos tecnológicos, a limitação das contratações que agravou ainda mais as condições de sobrevivência digna das redes familiares, o adiamento dos cursos de formação inicial e as mudanças de estrutura de apoio das secretarias de educação no assessoramento necessário para o desenvolvimento das atividades profissionais nas escolas das aldeias.

Os resultados conquistados "a duras penas" por todas as pessoas envolvidas diretamente e indiretamente no processo de elaboração e produção desta coletânea, portanto, explicita a força e capacidade dos "guerreiros da caneta" que mesmo em condições totalmente adversas, efetivaram o Esperançar freiriano, ou seja, não esperaram as condições para fazer, assumiram para si e de forma coletiva, a ação de fazer o melhor e juntas às pessoas de suas comunidades e da equipe de sustentação e apoio fora delas, elaboraram seus materiais didáticos para atender ao desafio de continuar a ensinar e aprender numa perspectiva dialógica dos saberes e das práticas que constituem a sala de aula e a educação escolar em direção dos avanços que as epistemologias indígenas apontam para a Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada, para cada aldeia, para cada povo.

Cuiabá, MT, outubro de 2021

Beleni Saléte Grando
Neide da Silva Campos
Áurea Cavalcante Santana

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

A língua Umutina

A língua Umutina pertence ao Tronco línguistico Macro-jê da família bororo.

A partir do contato permanente com a sociedade envolvente em 1911, a língua enfraqueceu e manteve-se por longos anos silenciada, devido às probições de uso da mesma e transmissões de doenças que dizimaram a população drasticamente.

No final da década de 1980 começou o processo de revitalização/ ressignificação da cultura de modo geral, e consequentemente da língua também. A escola tem sido local permanente e privilegiado de todo esse processo. Onde são feitos a aquisição, registro e divulgação de todo esse trabalho.

Apesar de não falarmos fluentemente nossa língua, o seu estudo e sistematização tem permitido elevar a sua importância enquanto representação simbólica de modo que aumentam a autoestima e o sentimento de pertencimento étnico. Ademais, fortalecem a identidade e os conhecimentos tradicionais e legitimam direitos fundamentais como por exemplo o direito à terra.

No mais, tem sido grande os esforços para mantê-la viva e presente nos diferentes espaços sociais das aldeias e fora delas. Para tanto, os materias de referência que contemplam aspectos linguisticos: lexicais, fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos partem do estudo de registros históricos, dissertações e teses que já foram produzidas sobre a língua.

Nesse aspecto uma das dificuldades tem sido com relção aos sons específicos da língua. Pois, tendo a língua portuguesa como primeira língua torna-se difícil a reprodução de sons próprios da mesma.

A língua Umutina atualmente, é disciplina presente na Matriz Curricular da escola Julá Páre desde as Séries Iniciais até o Ensino

Médio. As atividades voltadas aos alunos, geralmente contemplam aspectos lexicais. O desafio e a meta atualmente, é a de produzir materiais que contemplem aspectos sintáticos. Ou seja, frases, orações e textos maiores.

Neste sentido, a presente publicação contribuirá enormemente neste processo. Uma vez, que as frases constantes são do universo geográfico e social dos estudantes. Também possibilitam o planejamento e criação de atividades pedagógicas por parte do professor para ser usado dentro e fora da sala de aula.

Neste sentido, partir dos sons vocálicos e alfabéticos é de fundamental importância para os estudantes em processo de alfabetização quanto para os alunos das demais séries/anos.

AS VOGAIS DA LÍNGUA BALATIPONÉ-UMUTINA

A a

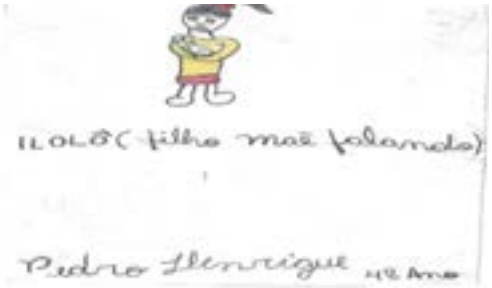
ALAPORÉ

E e

EBAKI

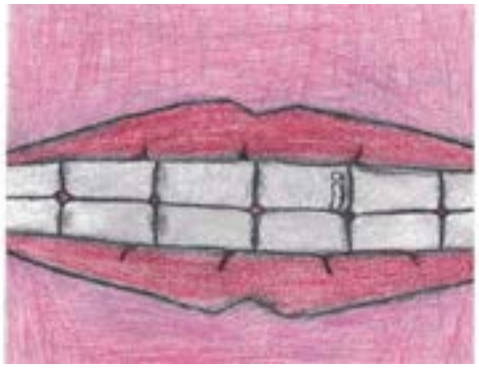
I i

ILOLO



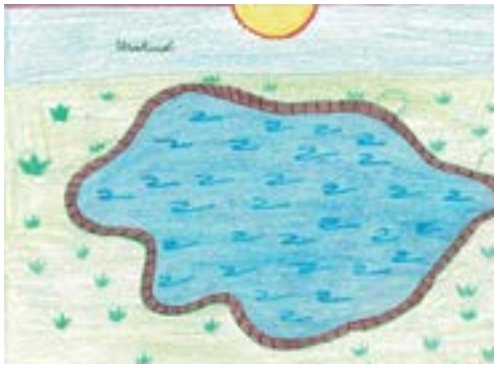
O o

OKOPÓ



U u

URUKWÁ



ALAPORÉ: ARARA VERMELHA

EBAKI: COBRA

ILOLÔ: FILHO (FILHO MÃE FALANDO)

OKOPÔ: DENTE

URUKWÁ: LAGO

ALFABETO ILUSTRADO DA LÍNGUA BALATIPONÉ-UMUTINA

A a

ALAPORÉ

B b

BARUKWÁ

E e

EBAKI

H h

HAKIKÁNO

I i

ILOLO

J j

JIRIKIKI

K k

KUI

L l

LUMATAKA

M m

MAMO

N n

NAPULO

O o

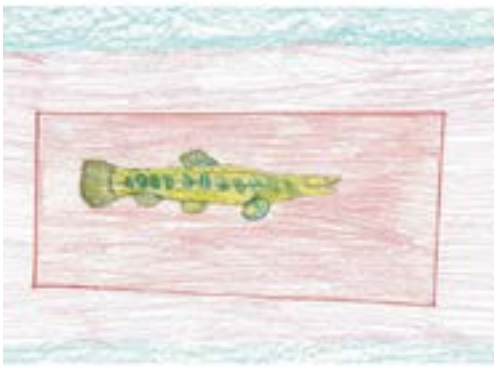
OKOPÓ

P p

POARI

R r

REKAPÔ

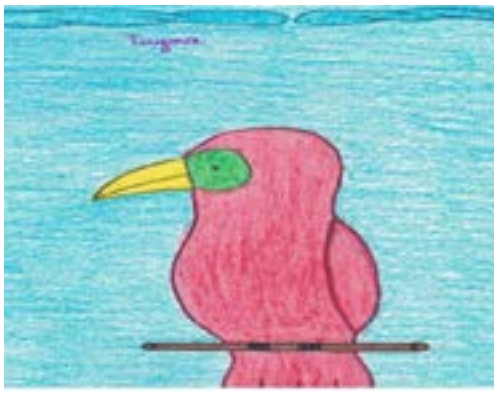


S s

SIMAYE

T t

TUYNA



U u

URUKWÁ

X x

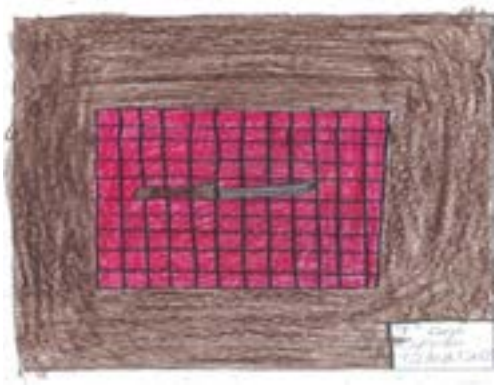
XÚARE

Y y

YOKÔ

W w

WASETALO



Z z

ZORO

NARRATIVA MÍTICA DO POVO INDÍGENA BALATIPONÉ-UMUTINA

APRESENTAÇÃO

As narrativas míticas dos povos indígenas, de forma geral, são importantes dentro de seu universo cultural, bem como são importantes para a sociedade como um todo. Tendo em vista que abrem a possibilidade de contar a origem do universo e dos seres humanos de outras formas e não apenas de uma, o que em si, é um empobrecimento do pensamento.

Pois, elas de muitas formas, contam desde como o povo surgiu no mundo e a partir disso, também como outros elementos naturais e culturais ganharam vida. É, portanto, um modo de organização dos espaços geográficos, sociais e culturais da etnia.

Dentro de seu espaço de significação, estão presentes elementos culturais como os adornos, as pinturas corporais, os cantos, as danças, os alimentos, os produtos agrícolas. O modo de ser e agir, enfim, a maneira como o povo explica e compreende o seu mundo e o mundo à sua volta.

Compreender as narrativas míticas Balatiponé-Umutina, significa entrar em seu mundo cosmológico. Esse mundo cosmológico é formado por diferentes esferas da vida. Dessa forma, elas compreendem o mundo terreno, o mundo celeste ou espiritual e o mundo aquático. Cada narrativa mítica está ligada a uma dessas esferas que juntos formam a grande teia da vida.

As narrativas míticas no passado eram preservadas dentro da oralidade, repassados de geração para geração pelos mais velhos. Entre os Balatiponé-Umutina, eram as mulheres as responsáveis por repassar esses conhecimentos às pessoas da comunidade.

Além, de ser uma forma de expressão poética, as narrativas míticas tem em seu interior ensinamentos pedagógicos que orientam

a vida em grupo, a relação respeitosa com a natureza, enfim, com os elementos culturais da etnia.

As narrativas colocadas neste material, foram registradas pelo etnógrafo Harald Schultz, entre os anos de 1943 a 45. Há alguns anos atrás elas ainda eram contadas pelos mais velhos. Infelizmente os anciões que tinha esse domínio já faleceram. Neste sentido, o objetivo maior de trazer as narrativas míticas neste, é o de mantê-las vivas tanto no espaço escolar como nas aldeias. Dessa forma, elas foram adaptadas para serem usadas em rodas de leitura, contação de histórias, dramatização entre outras atividades pedagógicas.

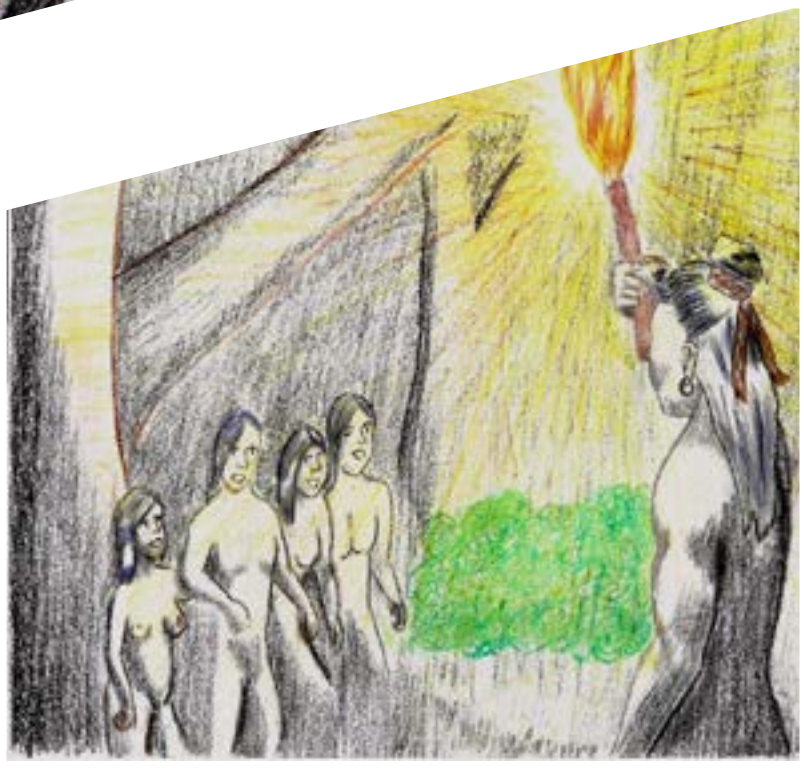
Portanto é um material voltado principalmente para as crianças das séries iniciais. Pois, é grande a preocupação da comunidade quanto à preservação e divulgação dessas narrativas. Neste sentido, busca- se levá-las ao conhecimento das crianças quanto mais cedo para que possam aprendê-las de forma mais lúdica possível.

Assim, o destaque é para as figuras, ilustrações que foram feitas pelos estudantes do 6º ano em diante. Cada desenho, portanto expressa a interpretação de cada aluno dentro de seu conhecimento de mundo. No mais, também é uma forma, um recurso pedagógico para esses estudantes entrarem em contato e aprenderem tais narrativas.

CRIAÇÃO DOS HOMENS

Haipukú, o criador, vivia só no mundo.

Ele ficou imaginando, como poderia fazer para criar mais companheiros para viver junto com ele.



Ficou pensando, imaginando... experimentou juntar frutos de figueira. Juntou fruta macho e fruta fêmea. Enrolou em uma esteira e deixou num canto.

Experimentou juntar frutos de figueira de folha larga. Da mesma forma as sementes transformaram-se em pessoas.

Haipukú ficou contente, pois já tinha bastante pessoas para viver com ele.

Experimentou juntar fruta de bacaba, também saiu pessoas de cabelos compridos, dois casais. Experimentou ainda, com mel de tata e saiu pessoas com a cabeça pelada.

Quando já tinha bastante gente, Haipukú ficou com dor de criança.

Suas panturrilhas cresceram. Então ele procurou um pé de figueira.

Da perna direita saíram os Habusé, índio e índia. Da perna esquerda saíram os civilizados, dois casais.

Haipukú os convidou para morar junto com ele. As crianças não quiseram ir. Por isso, a mulher de Haipikú ficou muito brava com ele.

Hapukú então mandou fazer duas Ametá (saia) para as meninas e dois arcos e flechas para os meninos. A menina índia acostumou-se com a saia, mas a menina civilizada não conseguiu usá-la.

Da mesma forma, o menino índio conseguiu usar o arco e as flechas, mas o menino civilizado não conseguiu.

Haipukú os convidou para viver junto dele. Mas as crianças não quiseram. Os civilizados foram para o rio Paraguai abaixo. Os índios para o rio Bugres acima.

Haipukú ficou apenas com os filhos de fruteira e mel. Estes que são os atuais Balatiponé-Umutina.

O ROUBO DAS FLECHAS

Quando mini, o sol, andava na terra, tinha ciúmes do martim-pescador. Pois, este tinha muitas flechas bonitas.

O sol foi pensando como podia fazer para roubar as flechas do Katamã, transformou-se em um grande pintado. Cobriu o seu corpo com cascas de babaçu, acurí e jatobá e foi ao porto do Katamã.

Os filhos do Katamã foram ao rio banhar e lá viram o grande pintado balançando o seu corpo. Correram para chamar o pai.

Este veio com um grande feixe de flechas e disparou no pintado.

O sol levou todas as flechas do Katamã para casa. As flechas ficaram grudadas no seu corpo.

A lua que também era homem naquele tempo foi visitar o mini. Este viu as lindas flechas do Katamã. Perguntou como havia feito para apanhá-las.

Mini contou como havia feito. Mas não disse que havia colocado as cascas em suas costas.

Hári, o lua, também se transformou em pintado e foi até o porto do Katamã. As crianças do Katamã viram ele e foram chamar o pai.

Este veio e começou a flechá-lo. Todas as flechas grudaram em seu corpo.

Mataram, cozinharam ele e o comeram.

O sol foi atrás de seu companheiro a lua.

Ele encontrou as cranças do Katamã com as barrigas cheias.

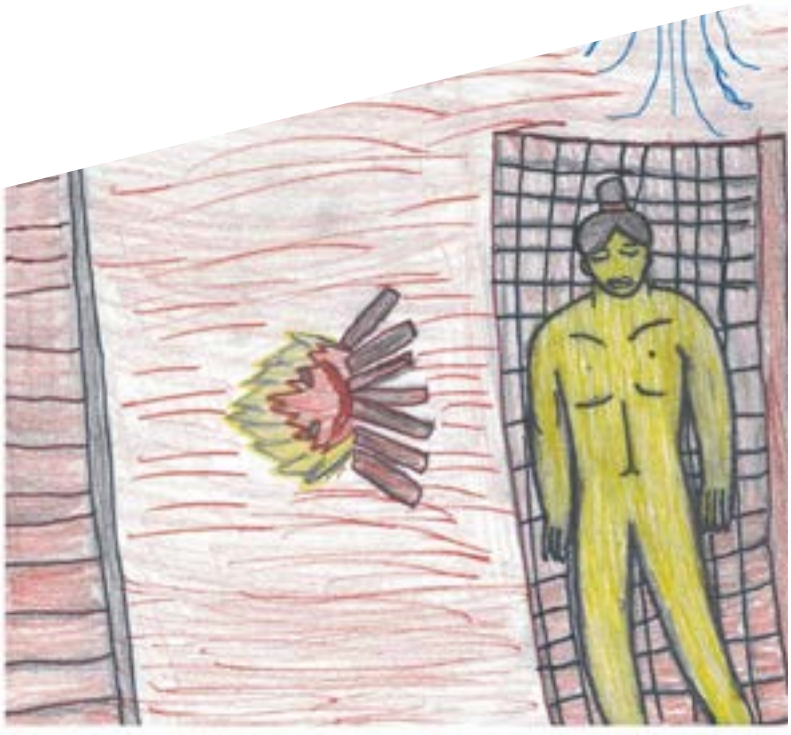
Na fogueira ainda estava o rabo do peixe. No chão estavam seus ossos.

O sol espremeu as barriguinhas dos filhos do Katamã para retirar as carnes da lua.

Enrolou as carnes e os ossos em uma esteira e levou para casa. Lá deixou o embrulho em um canto.

Passado algum tempo, a lua estava gemendo com frio pedindo fogo para se aquecer.

O sol disse:
- Espere um pouco!!!



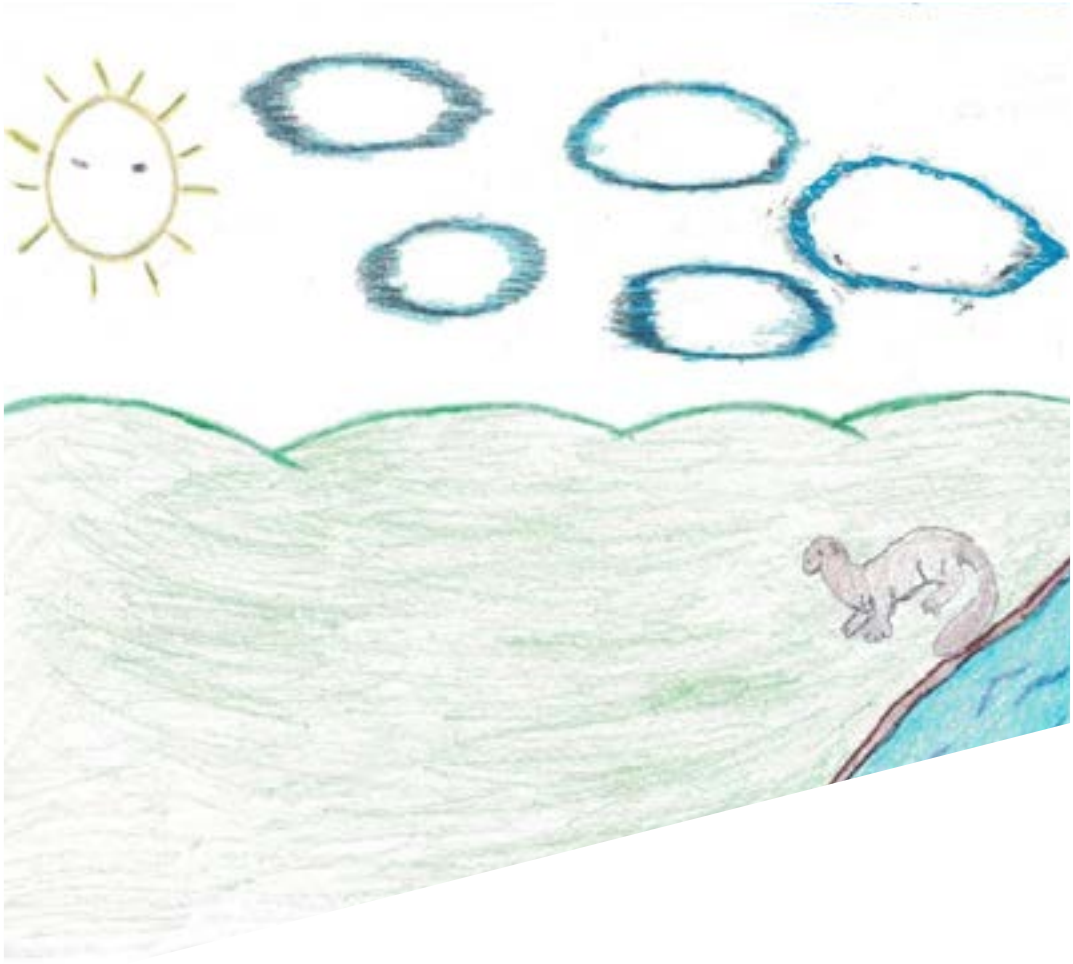
O ROUBO DA PANELA

O sol naquele tempo era um homem mau. As ariranhas também eram gente naquele tempo.

Tinham grandes panelas no fogo à beira do barranco. Logo que pegavam algum peixe colocavam nelas para cozinhar.

O sol foi pensando como podia fazer para pegar as grandes panelas das ariranhas.

Foi pensando, pensando e virou um rato cururu.

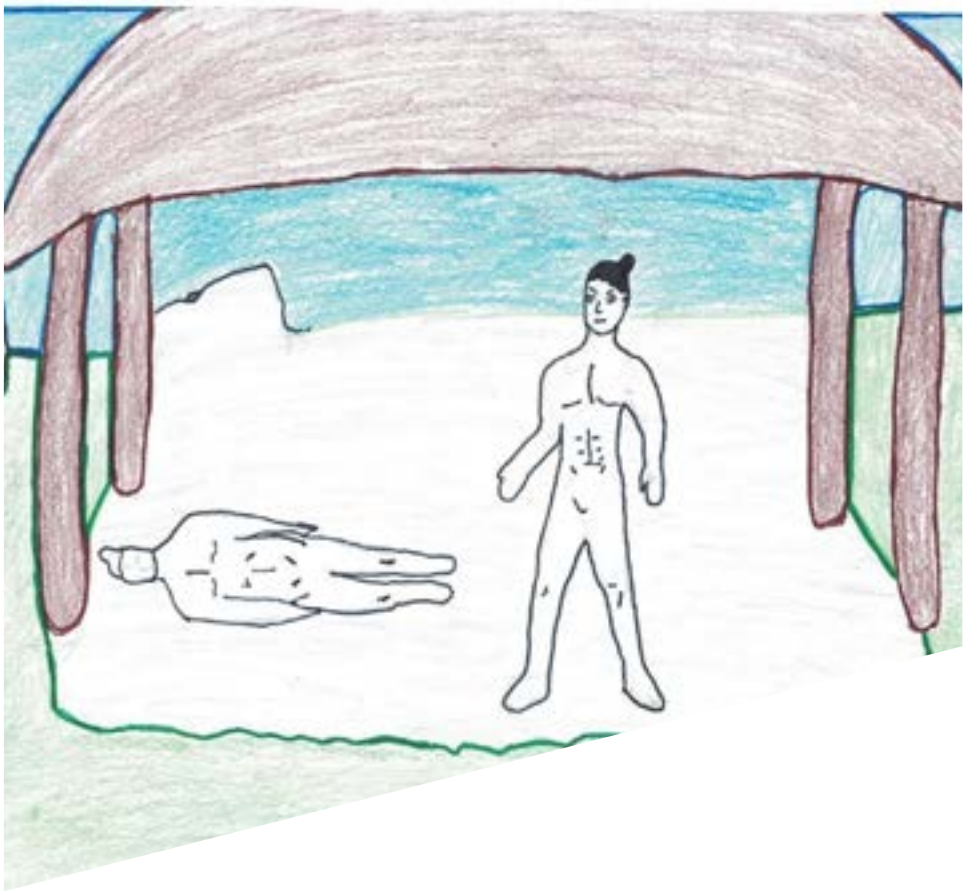


Cavou um buraco e saiu embaixo da panela. Colocou ela nos ombros e a levou para sua casa.

A panela era grande, pesada e estava muito quente.

O sol não aguentou seu peso e chamou seu amigo, a lua para ajudá-lo. Mas a lua deixou a panela cair e pegou fogo nas matas.

O sol virou gavião-tesoureiro e voou por cima das chamas. A lua virou corujinha e pousou numa ciscaria.



O fogo veio e queimou a corujinha.

À tarde, quando o fogo apagou, o sol foi procurá-lo e encontrou seus ossinhos.

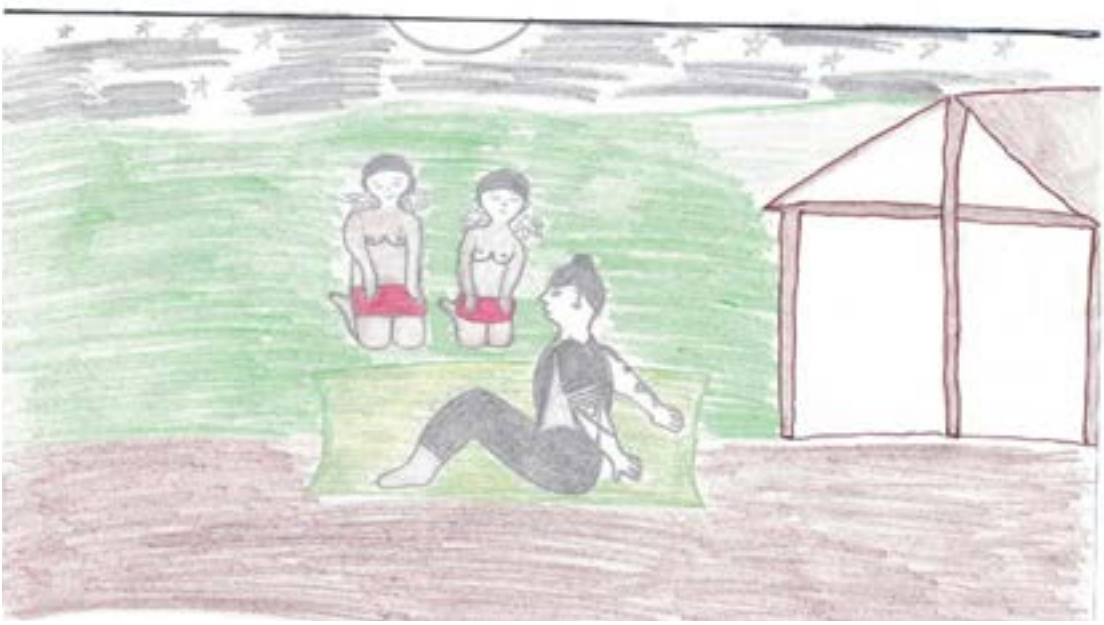
Levou-os para casa.

Passado algum tempo a lua estava mexendo e gemendo na esteira.

ZAPÁLO E AS DUAS ESTRELAS

Um homem Zápalo estava deitado a noite em frente sua casa. Ele olhava para as estrelas e desejava que elas viessem para a terra como mulheres.

Ele adormeceu e quando acordou novamente as duas estrelas estavam em sua frente, transformadas em mulheres.



Zápalo casou-se com as duas mulheres. Ele sempre ia a mata caçar bichos para elas. Mas, elas não comiam nada.

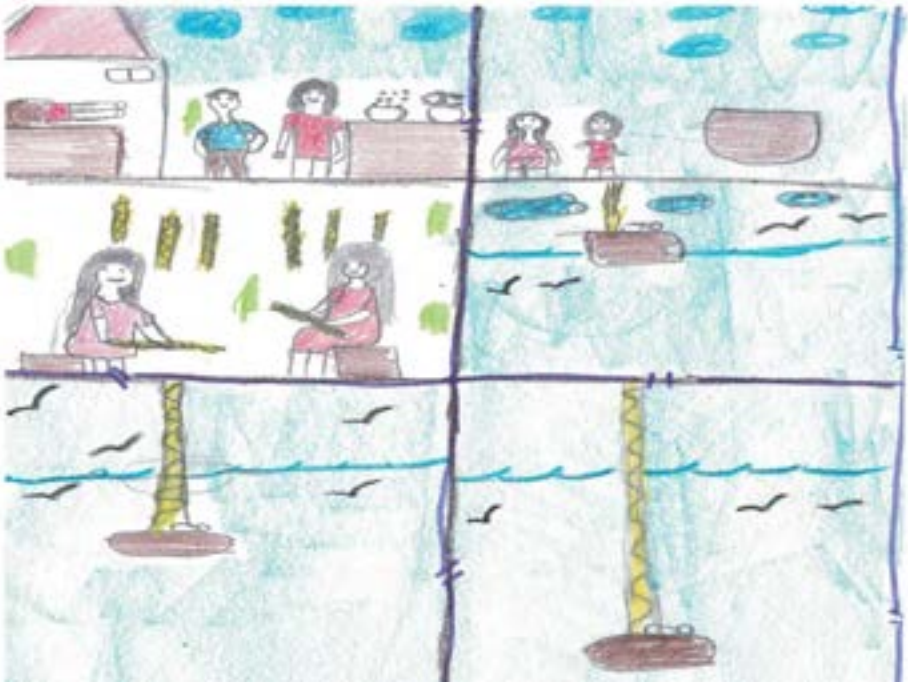
Elas disseram:

- Nós comemos almécega! Você poderia procurar para nós!

Eles então foram para a mata procurar almécega. No caminho encontraram bacaba. Elas disseram que também comiam bacaba. O homem subiu no pé da palmeira. Elas subiram atrás dele.

Foram subindo cada vez mais alto, mais alto até alcançarem o céu. Todos no céu comiam apenas almécega. Zapálo foi ficando cada vez mais magro e triste. Disse que queria voltar para a terra.

As mulheres fabricaram fios de tucum e amarraram na alça de uma grande panela. Foram descendo o homem devagar.



A corda não aguentou o peso e as mulheres soltaram a corda. Os cacos da panela transformaram-se em jabutis e os pedaços da corda viraram diferentes espécies de cobras que antes ainda não existiam.

Zapálo contou aos parentes que as pessoas do céu eram muito bonitas, mas comiam só bacaba e almecega.

ORIGEM DO FEIJÃO-FAVA, PIMENTA, MANDIOCA E BATATA-DOCE

Uma mulher foi a um córrego e lá encontrou um lambarizinho muito bonito, por isso o levou para casa.

Enrolou ele na esteira e passado algum tempo ele transformou-se em um menino.

A mulher tinha um marido, mas que não se importava com ela. Da mesma forma, o homem também não se importava com o menino. Por isso ele se sentia muito desprezado e foi ficando cada vez mais triste.

O menino começou a desconfiar que o homem não era seu pai. Foi e perguntou a sua mãe que confirmou para ele.

Quando o menino ia caçar com o seu pai. O menino sempre ficava para trás. Apesar de pedir para o pai esperar.

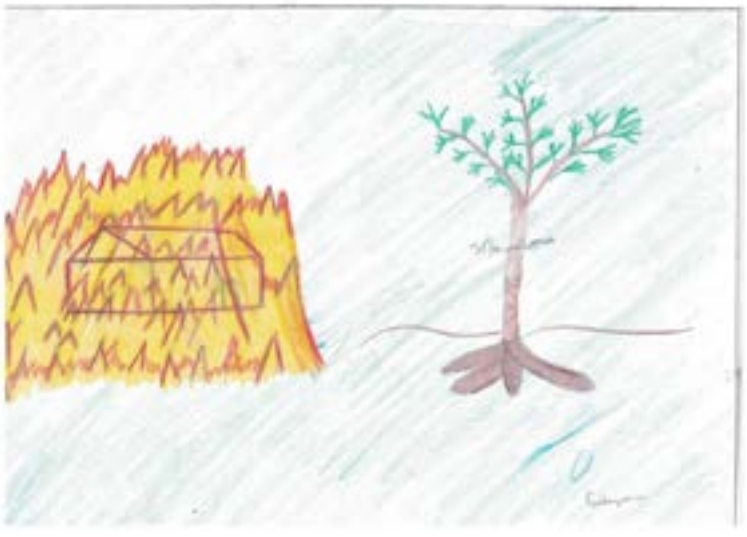
O menino ficou muito magoado com a descoberta de que o homem não era seu pai.

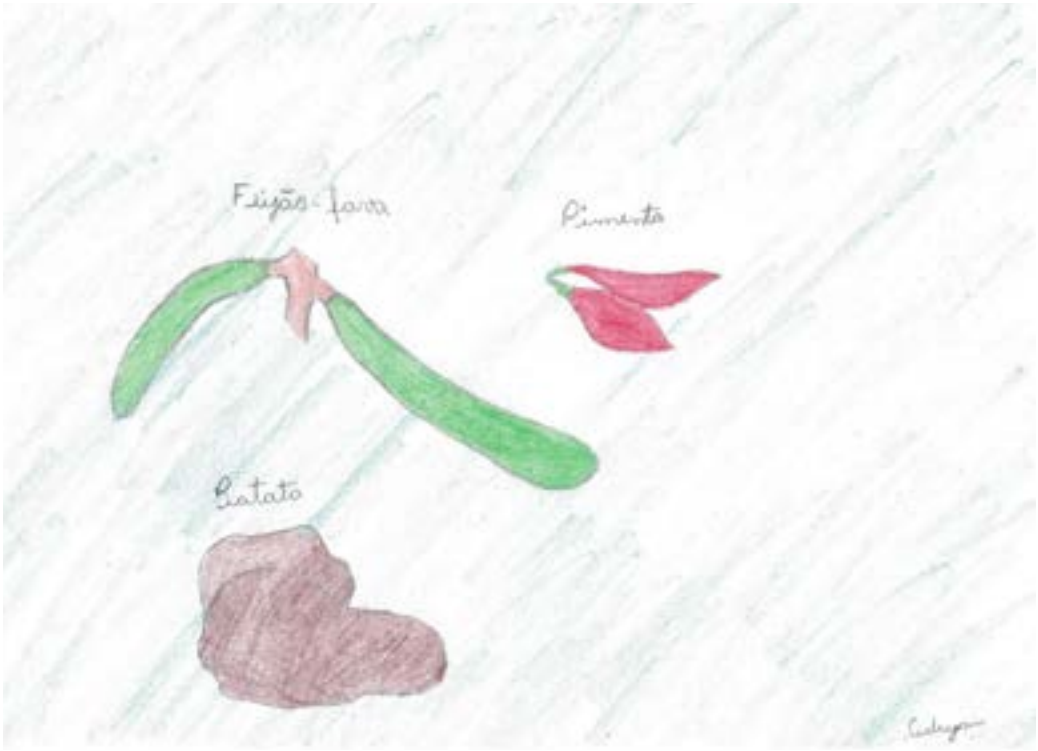
Procurou uma arvorezinha, pulou dela, bateu a cabeça em um pedaço de madeira e morreu.

A sua mãe foi chorando fazer seu enterro.

Ela ia quase todos os dias visitar o rancho onde estava sua sepultura.

Passado algum tempo, na época da queimada da roça o rancho pegou fogo.

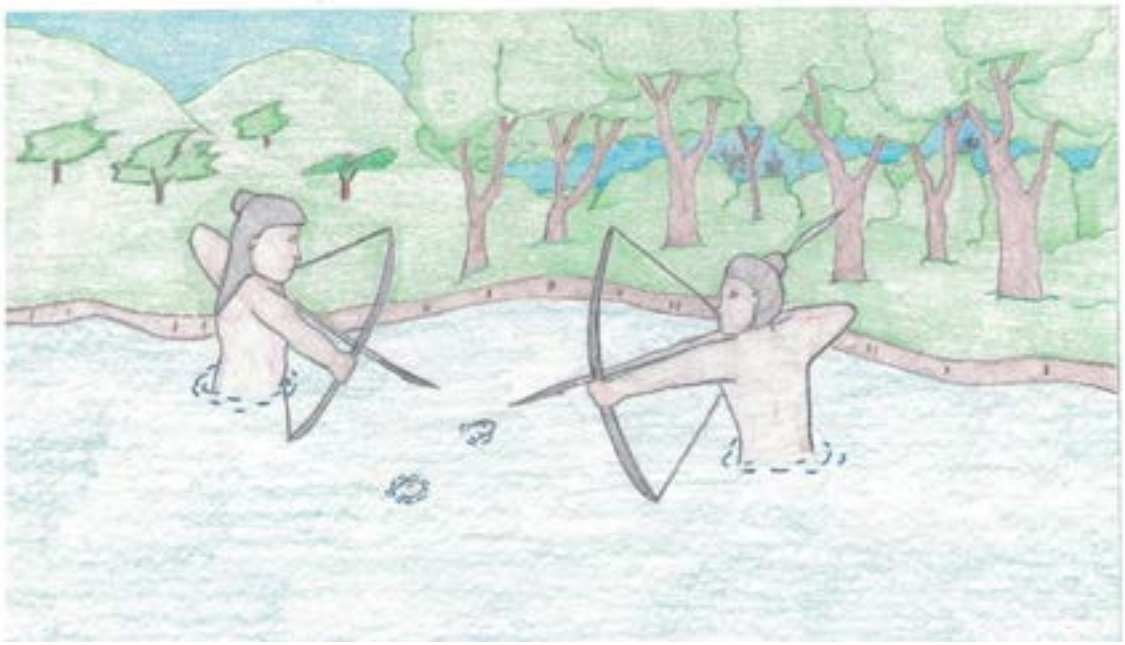




Depois da queimada nasceu no meio do rancho, no lugar da sepultura do rapazinho feijão-fava, mandioca, pimenta e batata. Os olhos viraram pimenta, e feijão-fava, o corpo e braços e pernas viraram mandioca e dos testículos saíram batatas. Tudo isto não tinha antes ainda.

ORIGEM DOS RIOS

Os homens flechavam muitos peixes no rio Kepô.



Preparavam os peixes escondido das mulheres em lugar longe na mata.

As mulheres começaram a desconfiar. Elas mandaram uma moça vigiar eles. Esta subiu em uma árvore e viu que cada homem tinha um moquém onde preparava o seu peixe.

A moça estava justamente em cima da fogueira de seu pai. Quando ela coçou a testa caiu pingos de tinta de urucum no peixe e sua carne tornou-se vermelha. Antes a carne da piraputanga não era vermelha.

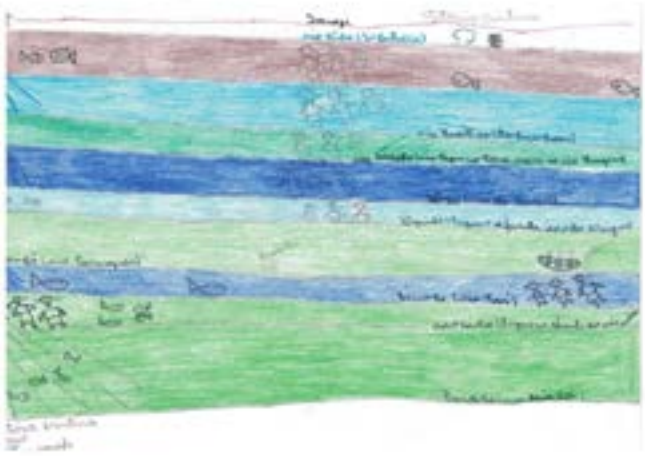
O pai olhou para cima e viu a moça. Convidou-a para descer e ofereceu peixe para ela. Mas ela não quis pulou por cima de todos e saiu correndo para a aldeia.

Chegando lá contou tudo que tinha visto para as mulheres.

Elas combinaram entre si que cada uma mataria o seu esposo a noite quando estivessem dormindo.

Usariam as pesadas espadas de seriva para isso.

Assim foi feito. A moça estava grávida. As mulheres disseram que se fosse menina podia viver. Se fosse homem teria que ser morto.



Quando a criança nasceu era um menino. Sua mãe decidiu fugir com medo das mulheres. Como o parto era recente, conforme ia caminhando do seu ventre ia escorrendo sangue.

Foi assim, que foi feito o Rio Kêpo (Sepotuba) ela saiu e fez o Balátipo (Tapirapoan), o Hádopo (rio pequeno para baixo do Rio dos Bugres), o Xôpo (Rio dos Bugres), o Xíquipo (pequeno afluente do Rio dos Bugres), o Olaripô (Rio Paraguai), o Báinapo (Rio Pará), o Odoképo (pequeno afluente do Rio Cuiabá) e por último o Bárupo (Rio Cuiabá).”

Passado algum tempo o rapaz areámuno resolveu voltar para o seu povo. No caminho foi casando com vários bichos. Casou com uma mulher jabuti. Nasceram crianças metade gente, metade jabuti.

Casou-se com uma mulher arara azul e também saíram crianças metade gente metade arara. Depois Areámuno casou-se com uma mulher sucuri desta vez saiu gente normal. Então, ele ficou casado com a sucuri.

A mãe da sucuri era casada com a onça que era um homem mau. Pois, este sempre matava os maridos da filha. Foi então que Areámuno resolveu matar o seu sogro. Empurrou ele na água e morreu afogado. A esposa da onça ficou triste, mas disse que estava tudo bem. Pois, a onça sempre fazia o mal.

ORIGEM DOS PEIXES

Opariakána se queixava que não havia peixes para ele se alimentar. Naquele tempo havia pouco peixe.

O índio Bakododó estava fazendo flechas desde cedo.

A mulher dele tinha assado milho, socou e fez fubá.

Como o dia estava quente os filhos pediram para levá-los ao rio. Ele disse apenas:

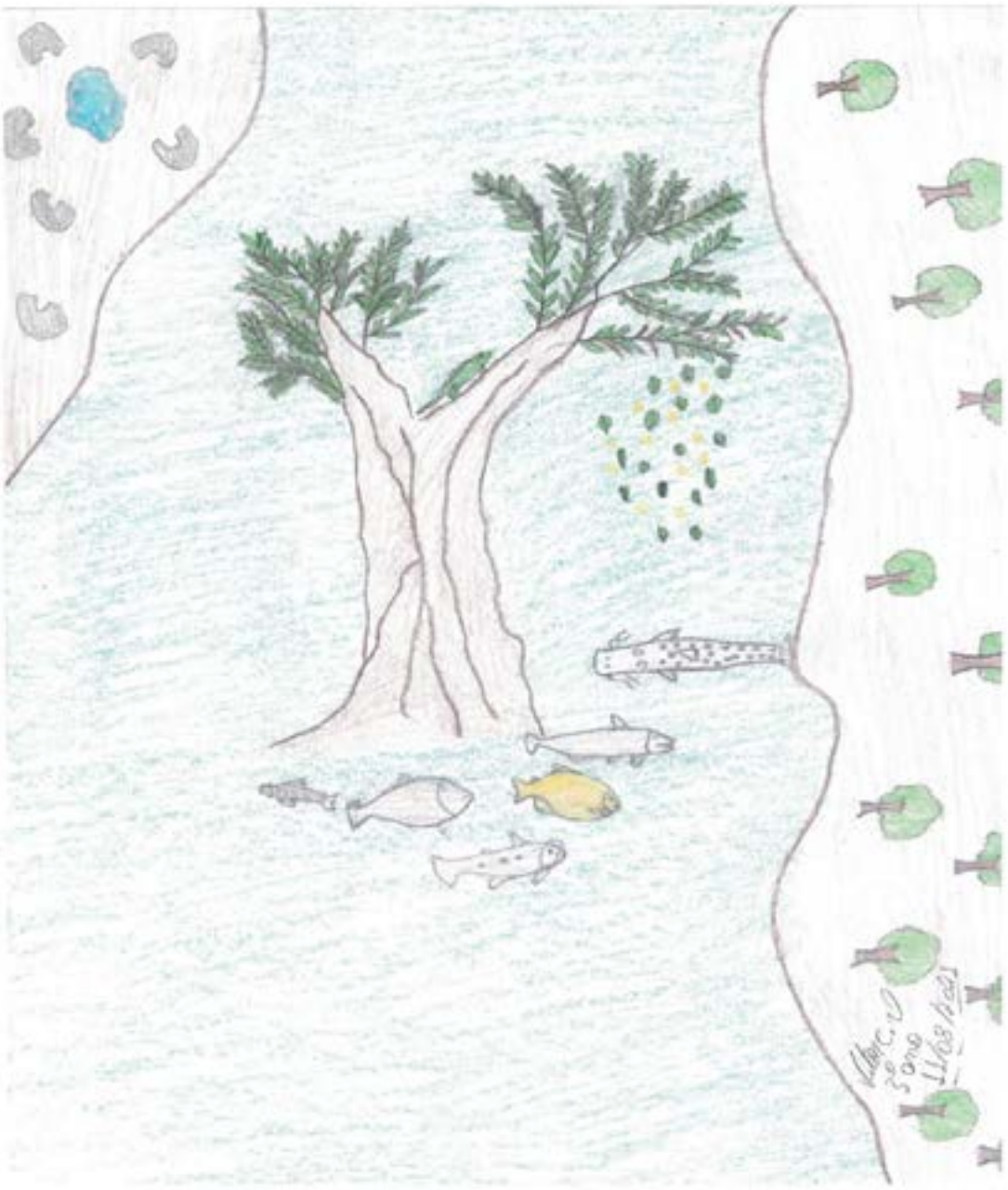
-Espere um pouco. E fazia mais e mais flechas.

Novamente os filhos pediram para levá-los ao rio e o pai disse que eles podiam ir a frente.

As crianças ficaram muito tempo dentro da água lavando-se. Elas ficaram com frio e pediram ao pai para levá-las para casa. O pai disse:

-Espere um pouco. E as colocou em seus ombros.

A tardezinha, a cunhada foi pegar água no rio e viu o homem na água de pernas abertas virando uma grande figueira. Os filhos em cada galho.



Voltou para casa e avisou os parentes que correram até o rio.

O homem transformado em figueira foi descendo rio abaixo. Foi parar na corredeira grande.

Antigamente não tinha peixe. A partir, de então que tem muitos peixes no rio.

As folhas que caem da figueira, transformam-se em pintado, dourado, piraputanga, pacu e outros peixes. As frutas viram peixes miúdos, pacupeva, piau, curimatã. As flores viram lambaris.

CADERNO DOS PÁSSAROS, PEIXES E ANIMAIS

RYOKORÉ
IMOTÔ

PÁSSAROS DA MINHA TERRA

APRESENTAÇÃO

As aves são elementos importantes dentro da cultura Balatiponé-Umutina. Muitas delas, além de sua carne servir como alimento, utiliza-se as penas na confecção de diversos adornos como o xúare (bracelete), bolo (diadema), hakikáno (cocar), mitotanobô (brincos).

As penas de cores vivas são as mais preferidas. Mas, há adornos confeccionados com penas pretas e marrom. Cada pássaro tem seu hábitat específico. Algumas aves são exclusivamente aquáticas como o socó, martim-pescador, tuiuiu, baguari, pato silvestre. Há também as que habitam as matas fechadas, matas altas ou matas virgens como o gavião real, urubu-rei, macuco. Outras são encontradas mais em campos abertos como: seriema, anú, pica-pau.

Na mitologia Balatiponé-Umutina Katamã (martim-pescador) é o criador da flecha. Quando katamã ainda tinha a forma humana fabricava muitas flechas grandes e bonitas. Isso despertou a inveja do Sol e da Lua que também, nesse tempo mítico tinham a forma humana. Nesse intento, a Lua se da mal e caba se queimando dando origem ao eclipse.

Antigamente, inúmeros pássaros eram criados pelos Balatiponé-Umutina como animal de estimação. Destacam-se os gaviões, mutuns, papagaios, araras, tuiuius. Os gaviões, tuiuiús, araras e mutuns eram usados como "portadores de almas". Quando uma pessoa falecia, o espírito da mesma reencarna-se em uma dessas aves. O caçador ia à mata e o filhote do pássaro que encontrava ficava sendo o portador da alma da pessoa falecida. A partir daí, o pássaro era criado com o máximo de carinho por todos da aldeia e quando o animal morria era enterrado com lamentações pela família.

Neste material, os desenhos e os textos foram feitos pelos alunos. Uma forma de demonstrarem o seu conhecimento sobre o seu espaço geográfico e sobre a língua Umutina. O objetivo é ulitizá-lo como material pedagógico de leitura e interpretação textual por diferentes turmas.

KIXÓ
PERIQUITO BICO-PRETO

KIXÓ NOA TOKWÁ.
O PERIQUITO BICO-PRETO COME FRUTAS.

O periquito bico-preto é uma ave pequena que vive nas matas. A cor dele é preto e próximo da barriga é amarelo. As asas são verdes.

Ele come frutas como: goiabas, mangas e bocaiúva. Faz seu ninho no cupim ou em ocos de árvores. Vive em bandos.

O periquito é um pássaro importante para o nosso povo porque ele é uma ave muito bonita. Não é usado na alimentação, mas suas penas são usadas para fazer artesanatos.

Klara Nicolly Souza Uapodonepá. 6º Ano – Ensino fundamental.

ORÉ
PERIQUITO

ORÉ KURIKÁ KI.
O PERIQUITO É PEQUENO E VERDE

O periquito tem penas amarelas e verdes. Na asa dele é amarelo, verde, preto e branco. O seu biquinho também é preto e branco.

Esse passarinho é encontrado na mata. Ele se alimenta de frutas como: caju, manga, goiaba, ingá, arroz e milho.

Ele é usado na alimentação. Suas penas servem para fazer artesanatos como: colares, brincos, braceletes e cocares.

Marcos Corezomaé Monzilar. 6ºAno – Ensino Fundamental.

MITUOKOPONÔ
POMBA-TROCAZ

MITUOKOPONÔ KOXIPORÉ.
A POMBA-TROCAZ É GRANDE.

A pomba-trocaz é uma ave bonita. Gosta de ficar em árvores altas
onde faz o seu ninho. Se alimenta de frutos e insetos.

O povo Balatiponé-Umutina consome a sua carne e usa a sua pena na confecção de diversos adornos.

MITUALAKANA
JURITI

ABIOLO BI´A MITUALAKANA
O MENINO MATOU A JURITI

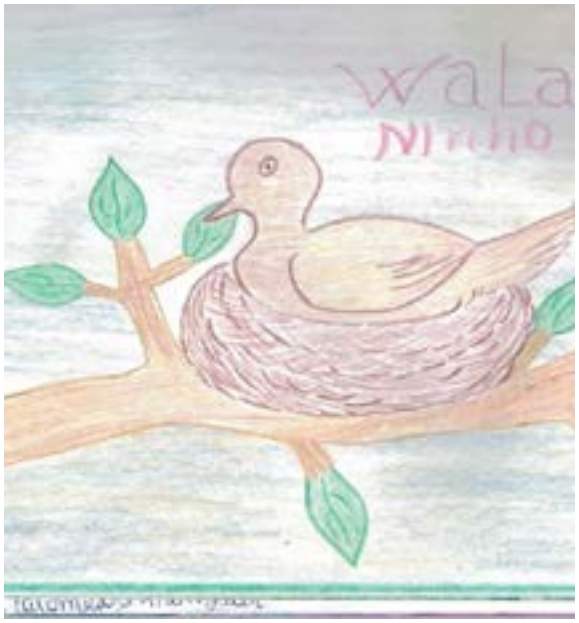
A juriti é uma ave que tem penas marrom, pernas vermelhas, bico preto, olhos meio vermelhos, tamanho médio. É encontrado nas matas fechadas e em campos.

Ela se alimenta de minhocas, pedrinhas pequenas, milho e quirera. Na Terra Indígena Umutina existe muitas delas. Algumas pessoas a usam na alimentação. As penas são usadas para fazer artesanatos.

Kayna Ajigui Korizomaé. 6º Ano – Ensino Fundamental.

MITUKURIKÁ
ROLINHA

MITUKURIKÁ KUTÚ PURUKWÁ.
A ROLINHA BEBEU ÁGUA.



É uma ave pequena. Tem penas de cores vermelhas e na cabeça é cinza. Seus pezinhos são vermelhos. O bico é meio vermelho e preto. Ela se alimenta de pedrinhas, minhoca, arroz e milho.

É encontrada nos campos, na beira dos rios e no mato. Na aldeia Umutina existe muitas delas. Ela é usada na alimentação. Suas penas não são usadas para fazer adornos porque são muito pequenas.

Lucian Calomezoré. 6º Ano – Ensino Fundamental.

TALAKÚ
SARACURA

TALAKÚ HI´TÚ
A SACACURA CORREU

A saracura é uma ave que gosta de ficar nas margens de córregos e lagos. Se alimenta de insetos, larvas e pequenos peixes.

A sua carne não serve para a alimentação e suas penas também não são utilizadas.

Quando a saracura canta é sinal que vai chover.

KIXONÔ
SANHAÇO

URIXÁ KIXI KIXONÔ NY
A MULHER VIU O SANHAÇO NA ÁRVORE

A cor da pena do sanhaço é azul. A cor do peito também é azul. A cor da perna é preto.

Ele come borboleta, larvas, minhocas. É encontrado nas matas. Nós não fazemos artesanato de suas penas porque é muito pequena.

Katã Azoinase Calomezoré.
6º Ano – Ensino Fundamental.

BOTOLOXÊ
BEM-TE-VI

BOTOLOXÊ IKÚ
O BEM-TE-VI É AMARELO

O bem-te-vi é uma ave pequena que pode ser facilmente encontrada na aldeia Umutina. Gosta de viver em campo aberto e se alimenta de insetos.

Não serve para a alimentação e suas penas não são usadas na cofecção de adornos

Kayna Ajigui Korizomaé. 6º Ano – Ensino Fundamental.

NOLOXIRI
SABIÁ

NOLOXIRI NOA PIRIPIRI.
O SABIÁ COME MELÂNCIA

O sabiá é uma ave pequena que come folha de melancia na roça. Existem sabiás de várias cores. Ele vive e é encontrado em floretas, beira de rio e baías.

Se alimentam de folha de melancia, milho e insetos. É uma ave linda e muito esperta. As cores são verde-claro nas asas. Tem a barriga branca. O bico é preto e marrom-cinza, verde.

Ele faz seu ninho em galhos de árvores como: laranjeiras, jabuticabeira, ingazeiro, e em palmeiras.

Ela é uma ave importante para o povo Balatiponé-Umutina pois, serve de alimento, fazemos farofa dele e suas penas serve para fazer brincos.

Analuz de Oliveira Calomezoré. 6º Ano – Ensino Fundamental.

BOPORÉ
PICA-PAU DO MATO

ABIOLO KIXI BOPORÉ
O MENINO VIU O PICA-PAU DO MATO

O pica-pau é um passarinho de cor carijó. Tem o bico preto. Os seus pés são pretos também.

Ele é encontrado na floresta. Esse pássaro vive grudado no tronco das madeiras a procura de alimentos.

Ele é importante para o nosso povo, pois suas penas servem para fazer artesanatos como: brincos. Serve para deixar mais bonito os braceletes também.

UAZOANÁ
ANU-PRETO DO CAMPO

BARIPÔ BOTO´KÁ UAZOANÁ
O HOMEM DEPENOU O ANÚ-PRETO DO CAMPO

O anu preto é uma ave pequena. Ele gosta de comer besouro e outros insetos. É um pássaro esperto. As penas dele são pretas e os seus pés também são pretos.

É encontrado na beira das estradas. O anu não é usado na alimentação do povo Balatiponé-Umutina. suas penas são usadas para fazer artesanatos.

Samara Andressa Uapodonepá Parikokoreu. 6º Ano – Ensino Fundamental.

LOROKONOMITÊ
ANHUMA CINZENTA

LOROKONOMITÊ KOXIPORÉ.
A ANHUMA CINZENTA É **GRANDE**

A anhuma cinzenta é uma ave muito bonita. Também tem um canto muito bonito. Ela é encontrada em baías no Território Umutina.

Quando ela vê algo começa a cantar. Ela não é usada na alimentação. Suas penas são utilizadas em hákikanos, brincos, bracelete e outros.

Kauan Angêlo Calomezoré de Oliveira. 7º Ano – Ensino Fundamental.

TAMI
ANHUMA PRETA

BARIPÔ XOTÁ TAMI
O HOMEM FLECHOU A ANHÚMA PRETA

A anhúma preta é uma ave bonita. Ela é encontrada em baías e em outros lugares. Quando vê algo, ela começa a cantar.

As pessoas não se alimentam dela. As penas podem ser usadas em hakikanos, brincos e braceletes.

Kauan Angêlo Calomezoré de Oliveira.
7° Ano – Ensino Fundamental.

KIXONÔ
SANHAÇO

URIXÁ KIXI KIXONÔ NY.
A MULHER VIU O SANHAÇO NA ÁRVORE.

A cor da pena do sanhaço é azul. A cor do peito também é azul. A cor da perna é preto.

Ele come borboleta, larvas, minhocas. É encontrado nas matas. Nós não fazemos artesanato de suas penas porque é muito pequena.

Katã Azoinase Calomezoré. 6º Ano – Ensino Fundamental

IBOXÊ
BIGUÁ PRETO

IBOXÊ NOA ZARUTO
O BIGUÁ PRETO COMEU O BAGRE

O biguá preto é uma ave muito bonita. Ele se alimenta de peixes. Vive na região do Pantanal. Tem muitos deles no nosso território, no rio Paraguai e baías.

Não serve para nossa alimentação. Vive livre pegando seus alimentos nos rios.

Apollo Amajunepá. 7º Ano – Ensino Fundamental.

PIKURINA
ANDORINHA

PIKURINA KURIKÁ.
A ANDORINHA É PEQUENA

A andorinha é um passarinho muito bonito. Ela se alimenta de pequenos insetos.

Ela serve par a nossa alimentação. Nós fritamos e comemos com arroz e feijão.

Apollo Amajunepá. 7º Ano – Ensino Fundamental.

MATAYA
TUIUIU

MATAYA KOXIPORÉ
O TUIUIU É GRANDE

O mataya é uma ave muito bonita. A cor de suas penas é branca e preta.

É encontrado em beiras de rio e lagos. Seus alimentos são peixes, insetos e lodos que são encontrados nos rios.

Essa ave, geralmente é encontrada dentro do nosso Território.

Suas penas servem para fazer vários artesanatos como o hakikano, as penugens servem para fazer bracelete. A sua carne não serve para o consumo do povo. Quando matam assam para seus cachorros e gatos.

Pablo Calomezoré Uapodonepá. 7º Ano – Ensino Fundamental.

Ó
SOCÓ-BOI

Ó HI´TU
O SOCÓ BOI CORREU

O socó-boi é uma ave muito bonita. Suas penas tem a cor marrom-claro. As suas asas tem a cor marrom-escuro. Tem bico longo, pernas compridas.

Se alimenta de peixes. A sua carne não serve para comer. Quando matam dão para seus cachorros comerem.

As suas penas servem para fazer artesanato como o brinco.

Pablo Calomezoré Uapodonepá. 7º Ano – Ensino Fundamental.

KOLOKOLÓ
CHAPEU-VELHO

O chapéu-velho é um pássaro muito bonito. As características dele são: preto, pernas longas, avermelhado.

É encontrado nas lagoas e cerrado. A pena dele é utilizado para fazer brincos, braceletes, hakikano. A pena pequena é utilizada para fazer o bolo (diadema).

Irís Kiara Enemaré. 7° Ano – Ensino Fundamental

OKEMANA
CAFÉZINHO

OKEMANA KURIKÁ
O CAFEZINHO É PEQUENO

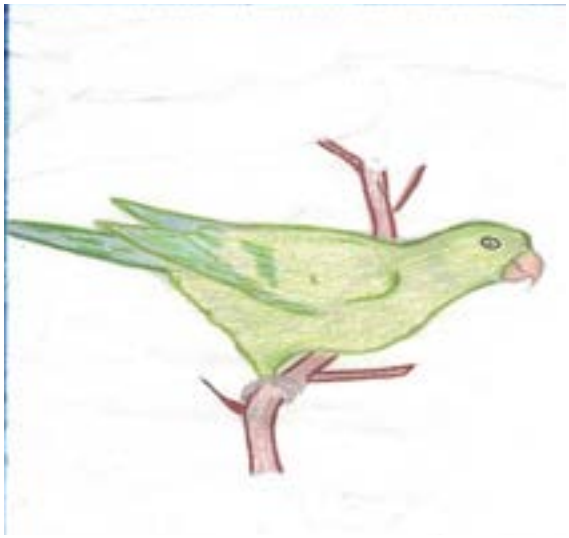
O cafezinho é um pássaro muito bonito. As características dele são: as penas são vermelhas, cabeça preta. O bico amarelo e tem as pernas compridas.

O povo Balatiponé-Umutina utiliza as penas dele para fazer brincos, braceletes. Ele é encontrado em rios e lagos.

Irís Kiara Enemaré. 7° Ano – Ensino Fundamental

ALAKÁ
ARARINHA

ALAKÁ NOA TOKWÁ
A ARARINHA COME FRUTAS



A ararinha é uma ave de cor verde-marrom. Ela vive nas matas e beira de rios. Alimenta-se de frutos. Serve de alimento para o nosso povo.

Awmatari Monzilar Corezomaé Tan Huare. 7º Ano – Ensino Fundamental.

.

BARIPÁ
CABEÇA-SECA

BARIPÁ PIKINA
O CABEÇA-SECA É FEIO

O baripá é uma ave muito grande. Ele se alimenta de peixes, minhocas. É encontrado na beira do rio Paraguai.

A pena desse pássaro serve para fazer adornos como brincos. Os brincos são feitos com as penas grandes e pequenas. São amarradas com cordinha de tucum. Essa ave não serve para alimentação.

Suas penas são pretas, sua cabeça é pelada e suas pernas são marrons escuros.

Bruna Enemaré Amajunepá. 7º Ano – Esino Fundamental.

AJIPARÉ
GAVIÃO MÉDIO

AJIPARÉ MAKEWÁ PITUKWÁ.

O GAVIÃO MÉDIO É MUITO BONITO.

São aves com visão e audição apuradas, bico curvos e garras fortes para agarrar e capturar as presas. Os gaviões são predadores ativos, atacando praticamente todos os tipos de presas por meio de técnicas de caças variadas.

O gavião médio pode ser encontrado em vários lugares, principalmente em matas. Ele vive em árvores altas. Essa espécie se alimenta de animais como aves, macacos e até macacos maiores como bugio.

Gabriela Monzilar Calomezoré. 8º Ano – Ensino Fundamental.

HUPARI
MACUCO

HUPARI ABOLA LAXORÉ.

O MACUCO TEM A PERNA COMPRIDA.

O macuco é da cor cinza-marron, as pernas são azuis. Seus olhos são da cor cinza ou azul. O macuco se alimenta de sementes, frutas, insetos e larvas.

O macuco vive na mata virgem. Não fazemos nada com a pena dele. Somente comemos a carne.

Gabriela Monzilar Calomezoré. 8º Ano – Ensino Fundamental.

JURÉ
PAPAGAIO GRANDE

JURÉ KOXIPORÉ RIKIXI KURIKÁ.
O PAPAGAIO GRANDE TEM OLHOS PEQUENOS.

O papagaio grande tem a testa e nuca azul, cabeça amarela, bico escuro e o restante do corpo é verde.

O papagaio grande é encontrado em vários lugares, principalmente nas árvores que tem frutos. O papagaio grande vive na floresta seca ou húmida, bosque de palmeiras ou margens de rios.

O papagaio grande é muito curioso por isso ele aprende a falar.

Nós também comemos a carne do papagaio e usamos as penas para fazer o artesanato como brinco e palito de cabelo.

Gabriela Monzilar Calomezoré. 8º Ano – Ensino Fundamental.

KUYOTÔ
CORUJA

KUYOTÔ KURIKÁ PIKINA
A CORUJA É PEQUENA E FEIA.

As corujas são aves que apresentam algumas características típicas como: olhos grandes voltados para frente, bicos curvos e fortes, garras e unhas afiadas e curvadas e plumagem macia.

As corujas são encontradas em campos e algumas corujas se abrigam em buracos, outras em teto de casa, igrejas velhas e até em cavernas. Durante o dia ela se abriga em galhos de árvores.

Gabriela Monzilar Calomezoré. 8º Ano Ensino Fundamental.

PARUAZA
SERIEMA

PARUAZA NOA EBAKI.
A SERIEMA COME COBRA.

A seriema é cinza-amarelada com finas riscas escuras. A barriga um pouco mais clara. Bico e pernas vermelhas. Tem a crista formada por um tufo de penas longas.

A seriema pode ser encontrada em campos sujos e pastagens. A ave pode ser vista em casais ou em pequenos bandos.

A alimentação da seriema são insetos, cobras, roedores. A seriema tem o canto que parece uma risada longa.

Gabriela Monzilar Calomezoré. 8º Ano – Ensino Fundamental.

AJIPAREPAMITI
GAVIÃO-TESOUREIRO

AJIPAREPAMITI
MAKEWÁ KURIKÁ.
O GAVIÃO TESOUREIRO
É MUITO PEQUENO.

A pena do gavião-tesoureiro é preta e branca. Seu bico é pequeno. Ele se alimenta de insetos quando está pegando fogo nas matas. Nesse momento ele desce para se alimentar.

As suas penas são importantes para fazer o artesanato como cocar, bolo (diadema) e outros tipos.

Meirielle Corezomaé. 8º Ano – Ensino Fundamental.

HUÓ
JAÓ

HUÓ KURIKÁ PITUKWÁ
A JAÓ É PEQUENA E BONITA.

A jaó tem suas penas marrom-claras e prateadas. Ela é pequena. Tem o bico pequeno, mora na mata. Pode ter até quatro filhotes.

Ela se alimenta de frutos do mato. Faz ninho nas ciscarias secas. Ela serve de alimento para o povo Balatiponé-Umutina.

Meirielle Corezomaé. 8º Ano – Ensino Fundamental.

HUBETURUKANO
MUTUM-CARIJÓ

HUBETURUKANO MAKEWÁ PITUKWÁ.
O MUTUM CARIJÓ É MUITO BONITO.

O mutum tem os olhos pretos e os bicos pretos. As suas penas são brancas, pretas e marrom-claras e escuras. As pernas são avermelhadas. Ele é uma ave grande.

Se alimenta de frutos, folhas, brotos de plantas. Caça caramujos, gafanhotos, pererecas, lagartixas e outros tipos de animais.

As suas penas servem para fazer artesanatos como brincos, rakikano. Serve também para empenar flechas e outros tipos de artesanatos.

Meirielle Corezomaé. 8º Ano – Ensino Fundamental

BALATÚ
URUBU

BALATÚ KOXIPORÉ PIKINA.
O URUBU É GRANDE E FEIO.

O urubu tem suas penas pretas ou cinza-escuro e sua cabeça é preta. Ele se alimenta de carcaças de animais em decomposição. É o hábito carniceiro dele.

Pode ter de um a três filhotes.

As suas penas não servem para fazer artesanatos.

Meirielle Corezomaé. 8º Ano – Ensino Fundamental.

KATAMÃKURIKÁ
MARTIM-PESCADOR PEQUENO

KATAMÃKURIKÁ PITUKWÁ MAKEWÁ.
O MARTIM-PESCADOR PEQUENO É MUITO BONITO.

O martim-pescador é verde e pequeno. Também gosta muito de pescar.

É encontrado na mata e na beira dos rios.

Fabrício Amajunepá Uapodonepá. 8º Ano – Ensino Fundamental.

HAPUPO
CORUJÃO

HAPUPO PITUKWÁ MAKEWÁ.
O CORUJÃO É MUITO BONITO.

O corujão é grande e bonito. Seus olhos são amarelados. As penas de suas asas são cinzas e meio brancas.

O corujão é encontrado na mata e também passa na cidade. Ele se alimenta de ratos e insetos.

O corujão é importante porque tem muitas pessoas que usam suas penas para fazer colares e também porque ele come ratos e insetos.

Fabrício Amajunepá Uapodonepá. 8º Ano – Ensino Fundamental.

BURILI
GAVIÃO-COMEDOR-DE-COBRA

BURILI MAKEWÁ PITUKWÁ.
O GAVIÃO COMEDOR DE COBRA É MUITO BONITO.

O gavião comedor de cobra é muito esperto. Quando ele vai para cima de sua presa prepara suas garras compridas e pontudas e seu bico para mordê-las para que ela não tenha nenhuma chance de escapar. Graças as suas grandes asas ele consegue voar com a cobra facilmente.

O gavião comedor de cobra é encontrado nas matas e perto dos rios. Muitas vezes, é encontrado nos campos. Ele faz o seu ninho em árvores. Com as penas dessa ave o povo Balatiponé-Umutina faz o hakikano e o bolo (diadema).

O gavião-comedor-de-cobra não serve de alimentação porque o povo Balatiponé-Umutina somente aproveita as penas.

Kawe Corezomaé Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental

JYO
BEIJA-FLOR

JYO KURIKÁ MAKEWÁ PITUKWÁ
O BEIJO-FLOR PEQUENO É MUITO BONITO.

O beija-flor apresenta o bico longo e tubular. Mede cerca de 7 centímetros e pode voar em ponto fixo pairando no ar. Alimenta-se de néctar de flores. Apresenta uma variedade de cores, tamanhos, tipos de plumagens e formatos de bicos.

O beija-flor não serve para fazer adornos porque ele é muito pequeno. Por isso, os Balatiponé-Umutina não fazem nada com ele.

Kawe Corezomaé Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental

KATAMÃ
MARTIM-PESCADOR GRANDE

KATAMÃ MUTUTY.
O MARTIM PESCADOR É PESADO.

O martim-pescador vive ao longo de rios, lagos, orla marítima, mangues, embocadouros de rios, florestas ou áreas abertas onde tenha árvores para o pouso.

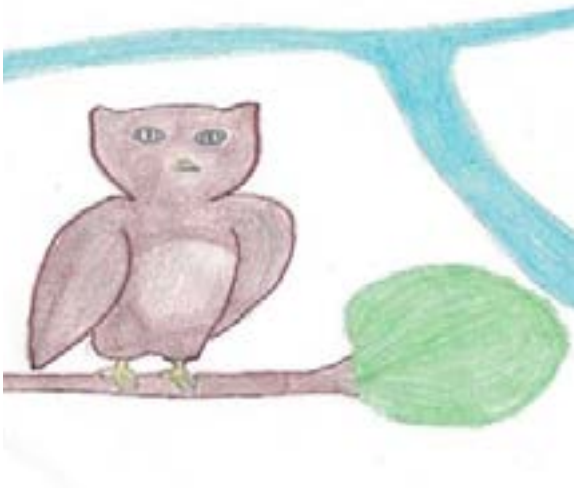
No passado mítico, para nós, Balatiponé-Umutina, o martim-pescador era gente, era um guerreiro que tinha lindas flechas e arco, por isso ele é importante.

O martim-pescador é uma ave sagrada, por isso não fazemos nada com ele.

Kawe Corezomaé Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental.

POPORÉ
CABURÉ

POPORÉ KURIKÁ.
A CABURÉ É PEQUENA.



O caburé possui olhos grandes, cabeças redondas, garras longas e bico em formato de concha.

O caburé vive principalmente, em ambiente natural de vegetação aberta, mas também é observada em florestas.

O caburé não serve como alimentação para o povo e suas penas também não são aproveitadas.

Kawe Corezomaé Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental

METÚ
PICA-PAU GRANDE

METÚ KOXIPORÉ.
O PICA-PAU É GRANDE.

O pica-pau grande possui bicos, penas e unhas fortes que o permite um excelente equilíbrio enquanto procura alimento nos troncos das árvores.

O pica-pau ocorre no Norte e no Centro-Oeste do Brasil e se protege nas bordas de florestas.

O pica-pau grande não serve de alimentação para o povo Balatiponé-Umutina e suas penas também não são usadas na confecção de adornos.

Kawe Corezomaé Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental.

BALATURURUKÁ
URUBU-REI

BALATURURUKÁ KOXIPORÉ.
O URUBU-REI É MUITO GRANDE.

O urubu-rei tem até três vezes o tamanho das outras espécies. Possui até 85 centímetros de altura, pesando aproximadamente 3 quilos. Sua envergadura varia entre 1,70.

Tem garras longas e um bico afiado. Também tem uma crista alaranjada. O urubu-rei não tem penas no pescoço. Tem uma visão muito boa.

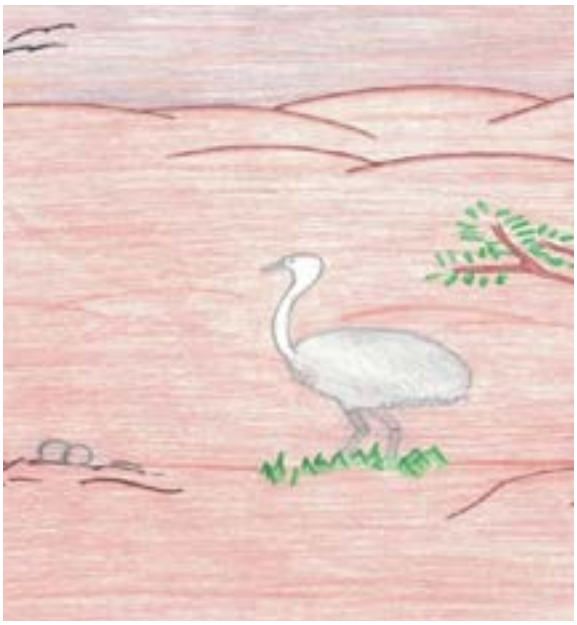
Esta ave pode ser encontrada em lagos, em árvores altas perto de rio.

O urubu-rei não serve como alimentação para o povo Balatiponé-Umutina. somente suas penas são utilizadas para fazer o artesanato.

Edgar Barreto Medrado. 8º Ano – Ensino Fundamental

PARÍ
EMA

PARÍ MAKEWÁ KOXIPORÉ.
A EMA É MUITO GRANDE.



A ema é uma ave muito bonita e veloz. Tem pernas gigantes que pode fazê-la chegar até 60 quilômetros por hora. E pode chegar a uma altura de até 1,70 metro e o peso de 36 quilos.

A envergadura pode atingir 1,50 metro de comprimento. A ema pode ser encontrada em campos e cerrados, mas é no campo que a ema vive. Ela tem um bico grande e a cabeça pequena. A ema possui asas grandes, mas ela não voa. Usa as suas asas para equilibrar-se mudar de direção na hora da corrida.

A ema se alimenta de folhas, frutos, insetos e sementes.

Ela é muito importante para o povo Balatiponé-Umutina; pelo uso das penas para o artesanato e a sua carne para alimentação.

Edgar Barreto Medrado. 8º Ano – Ensino Fundamental.

AJIPAREYBOKANA
GAVIÃO-PRETO

AJIPAREYBOKANA MAKEWÁ PÍKINA.
O GAVIÃO PRETO É MUITO FEIO.

O gavião-preto é uma ave incomum. Diferente de outras aves, o gavião-preto, habita pântanos, lagos e as bordas da mata frequentemente próximo de água.

É uma ave que vive solitária e ocasionalmente em um pequeno grupo. Ele se alimenta de lagartos, rãs, cobras, ratos, insetos, peixes e também come filhotes de outras aves caídas de ninhos.

Quando está na época de reprodução que é entre os meses de julho a novembro, o macho faz o ninho na copa de árvores perto de rios.

Está ave não é comestível para o povo Baltiponé-Umutina. mas, as suas penas servem para fazer o hakikano e sua carne é assada e servida aos cães.

Edgar Barreto Medrado. 8º Ano – Ensino Fundamental

MUTUM
HUBE

HUBE MAKEWÁ BOLOTOXIXI
O MUTUM É MUITO PRETO.

O mutum possui quatro dedos longos nas patas e tem um bico curvo, curto e robusto.

Ele se alimenta de frutos, sementes, insetos e lagartos pequenos.

Pode ser encontrado na beira de rios e nas matas com pouca vegetação.

O mutum é muito apreciado pelo povo Balatiponé-Umutina pelas suas penas e pela sua carne.

Edgar Barreto Medrado. 8º Ano – Ensino Fundamental.

AJIPOWXIPÁ
GAVIÃO-REAL

AJIPOWXIPA PITUKWÁ.
O GAVIÃOREAL É BONITO.

O Gavião real é muito bonito, também é conhecido como águia. Gosta de ficar na floresta onde as árvores são mais altas.

Tem asas grandes, corpo forte, bico negro, penas grandes.

Essas aves podem viver até 40 anos. O gavião-real se alimenta de macacos.

Gustavo Boroponepá Amajunepá. 8º Ano – Ensino Fundamental.

AREMÔ
PATO SILVESTRE

AREMÔ KOXIPORÉ AMUXIXI.
O PATO SILVESTRE É GRANDE E GORDO.

O pato silvestre, geralmente vive nas margens dos rios e lagos. É uma ave aquática e por isso, nada e mergulha muito bem. Se alimenta de algas, larvas e pequenos peixes.

A sua carne é usada na alimentação das famílias Balatiponé-Umutina e suas penas são usadas para fazer diversos artesanatos entre eles, o Xúare (bracelete).

Lyan Calomezoré. 1º Ano – Ensino Médio.

LAZAMITI
GALINHA

KOTIKÁ LAZAMITI PITUKWÁ.
A CARNE DA GALINHA É GOSTOSA.

A galinha é um animal doméstico. Se alimenta de milho, arroz, sobra de alimentos. Vive no terreiro das casas ou em galinheiros.

É importante na alimentação das famílias Balatiponé-Umutina. onde usam a sua carne no preparo de vários pratos e sua pena, hoje em dia também é usada na confecção de diversos artesanatos.

Kátia Nayara Amaunepá. 9º Ano – Ensino Fundamental.

AJIKURIKÁ
CARDEAL

ABIOLO URIXÁ KIXI AJIKURIKÁ.
A MENINA VIU O CARDEAL.

O cardeal é um belo pássaro que vive nas margens dos rios e lagos. É muito esperto e voa rápido. Se alimenta de insetos, semente e frutos.

Este pássaro não é usado na alimentação do povo Balatiponé-Umutina e suas penas também não são usadas na confecção de artesanatos por serem muito pequenas.

Marcio Monzilar Corezomaé

BAYATÁ
URUTAU

BAYATÁ KURIKÁ PIKINA.
O URUTAU É PEQUENO E FEIO.

O urutau é uma ave de hábitos noturnos. Gosta de cantar a noite. O seu canto é triste e melodioso. Tem as penas cinzas.

A sua carne, como as suas penas não são usadas pelo povo Balatiponé-Umutina.

Marcio Monzilar Corezomaé

WELOLO
CHORA-CHUVA

YOKÔ XOTÓ WELOLO.
MEU PAI FLECHOU A CHORA-CHUVA.

A chora-chuva é uma ave que pode ser facilmente encontrada nas matas. Gosta de ficar em silêncio, mas quando encontra com seu bando começa a cantar.

Prefere as matas próximas a rios, córregos e lagos.

Algumas pessoas consomem a sua carne na alimentação.

Marcio Monzilar Corezomaé

MARETOKOPÔ
PAVÃOZINHO

MARETOKOPÔ KURIKÁ AKUKÚ.
O PAVÃOZINHO É PEQUENO E LEVE.

O pavãozinho é uma bela ave que gosta de ficar nas margens de córregos, rios e lagos. Se alimenta de algas, larvas e peixes.

Sua carne e sua pena não são usadas pelo povo Balatiponé-Umutina.

Marcio Monzilar Corezomaé

HARÉ IMOTÔ
PEIXES DA MINHA TERRA

APRESENTAÇÃO

O Território Balatiponé-Umutina em quase sua totalidade é circundado por rios. À direita pelo rio Olaripô (Paraguai) e a esquerda pelo rio Xopô (Bugres). A porção de fronteira seca totaliza apenas 12 km. Em seu interior, há presença de diversos lagos e nascentes o que proporciona uma flora e uma fauna altamente diversificada. A vegetação compreende a presença de biomas como o Cerrado, Amazônia e Pantanal em miniaturas, o que confere a presença de pássaros, peixes e animais de diversas espécies.

Desde sempre, os peixes foram base importante na dieta alimentar da etnia, justamente pela presença de muitos rios e consequentemente inúmeras espécies tanto de couro como de escamas. Com os pescados preparam-se diversos pratos. O peixe assado com beiju é um dos pratos tradicionais.

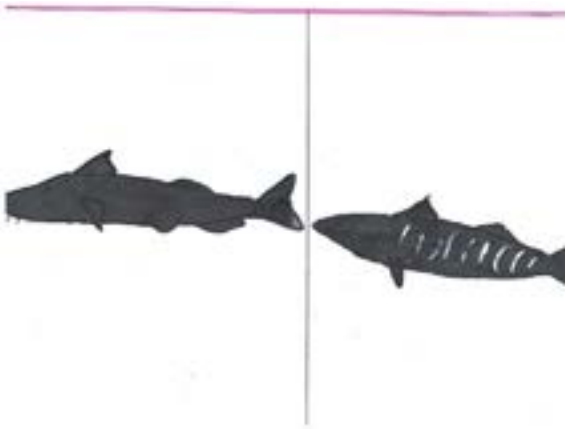
Há alguns anos, muitas famílias sobreviviam da venda de pescados. No entanto, com a diminuição dos peixes nos rios, isso tornou-se impossível. Atualmente, os pescados servem para a alimentação das famílias das aldeias.

Os peixes também são importantes dentro do universo cultural Balatiponé-Umutina. A forma e a cor presente nos peixes cachara, pintado e surubim são usadas como pintura corporal nos homens e mulheres. Elas representam os espíritos protetores dos peixes e dos rios.

Da mesma forma, as ilustrações e textos neste material foram elaborados pelos estudantes por meio de oficinas. É um material que tem como objetivo servir de leitura e pesquisa. As frases em língua Umutina tem o objetivo de dar prestígio à mesma. Também servirá de base para a construção de outras frases e textos na língua.

OLOARÉ
CACHARA

OLOARÉ MAKEWÁ PITUKWÁ.
A CACHARA É MUITO BONITA.



A cachara é um peixe de couro. Tem a cor preta e branca. Este peixe tem umas pinturas em seu corpo que são muito bonitas.

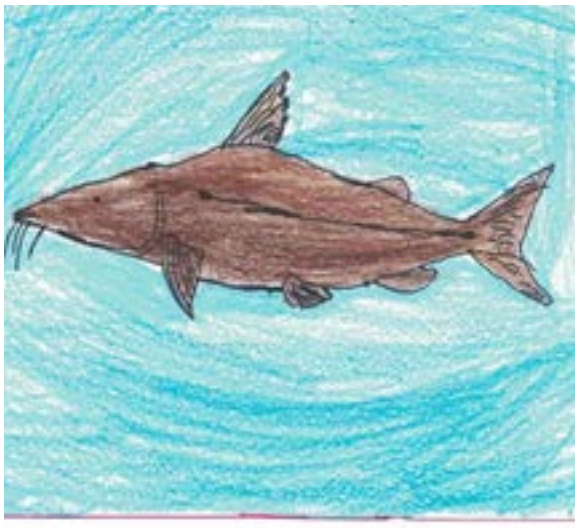
Ele vive na água doce. Aqui na nossa região pode ser encontrado nos rios Paraguai e Bugres. Ele também é muito importante para o nosso povo. As pinturas que aparecem no seu corpo são usadas nos braços dos homens e das mulheres, através das pinturas corporais nas apresentações culturais e no dia a dia.

O peixe cachara também serve de alimentação para o povo Balatiponé-Umutina. Pode ser frito ou cozido. Eu gosto de comer este peixe cozido.

Adryan Felipe Uapodonepá
Calomezoré. 1º Ano - Ensino Médio.

ZARUTO
BAGRE

ZARUTO MAKEWÁ PITUKWA.
O BAGRE É MUITO BOM.



O bagre é um peixe que tem um ou mais pares de antenas ou bigodes nos lados da boca. Essas antenas conhecidas como barbilhões são detectores de vibrações a ajudam o peixe a localizar suas presas. Funcionam como se fossem uma espécie de radar ou sensor.

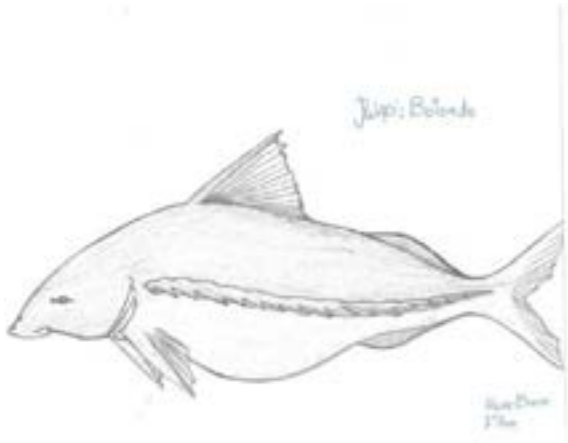
O bagre serve de alimento para o povo Balatiponé-Umutina. Ele é encontrado em rio e baías.

Eu gosto de comer ele frito ou cozido.

Amanda Suelen Enemaré Enemaré Quezo. 1º Ano - Ensino Médio.

JWAPI
BOTOADO

JWAPI MAKEWÁ PITUKWÁ.
O BOTOADO É MUITO GOSTOSO.



O botoado é pequeno. Ele tem serras nas laterais do seu corpo e sua cor é meio cinza. Ele tem os olhinhos bem pequenos e são pretos. Tem dois ferrões.

Ele é encontrado no rio Paraguai e também no rio Bugres. Vive mais no fundo do rio.

É importante para o nosso povo porque precisamos dele para nos alimentar.

Eu gosto muito de comer ele frito e cozido e com uma mandioquinha fica ainda mais delicioso.

Cleiciellye Calomezoré da Silva. 1º Ano do Ensino Médio.

ALAREKORÉ
PIRAPUTANGA

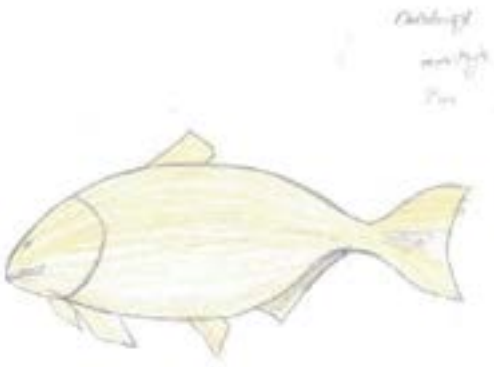
YOKO XOTÁ ALAREKORÉ
MEU PAI FLECHOU A PERAPUTANGA.

A peraputanga é um peixe bonito. Vive nos pequenos e grandes rios. Se alimenta de frutas e insetos. Gosta mais de ficar em corredeiras.

A sua carne é muito saborosa.

OZÊ
DOURADO

OZÊ IKÚ KOXIPORÉ.
O DOURADO É AMARELO E GRANDE.



O dourado é uma espécie de peixe que é encontrado em vários rios do Brasil. É um peixe muito apreciado pelo seu sabor, sendo conhecido como o rei do rio. Possui uma coloração dourada por todo o corpo com reflexo avermelhado.

Ele é usado na alimentação. Pode ser feito assado, cozido, entre outros tipos de preparo.

Kaike Amajunepá. 2º Ano do Ensino Médio.

UTOKIMANÉ
TUVIRA

UTOKIMAÉ MAKEWÁ PITUKWÁ
A TUVIRA É MUITO BONITA.

A tuvira é um peixe de tamanho pequeno ou grande. Sua cor é cinza amarelada. É o parente do peixe elétrico. Tem o formato de cobra com sua longa cauda de abas.

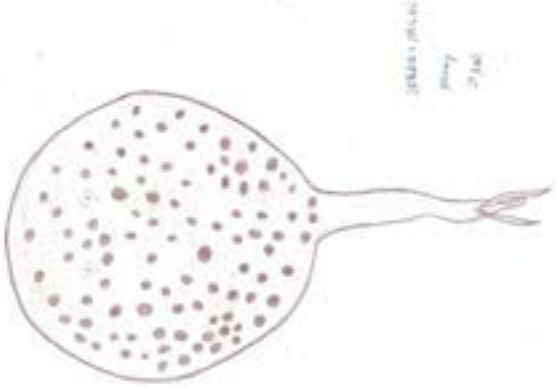
A tuvira é encontrada nos rios Paraguai e Bugres onde o seu tamanho é maior e no córrego dezoito onde seu tamanho é menor. Se alimenta de pequenas algas e sementes.

No território Umutina poucas pessoas se alimentam da tuvira. Pois, é uma espécie de peixe que causa medo por conta da sua forma.

Bruno Enemaré Amajunepá. 2º Ano do Ensino Médio

MENÚ
ARRAIA

IMÍ NOKO IHO MENÚ.
EU NÃO COMO ARRAIA.



A arraia é molenga, grande e possui ferrão na cauda.

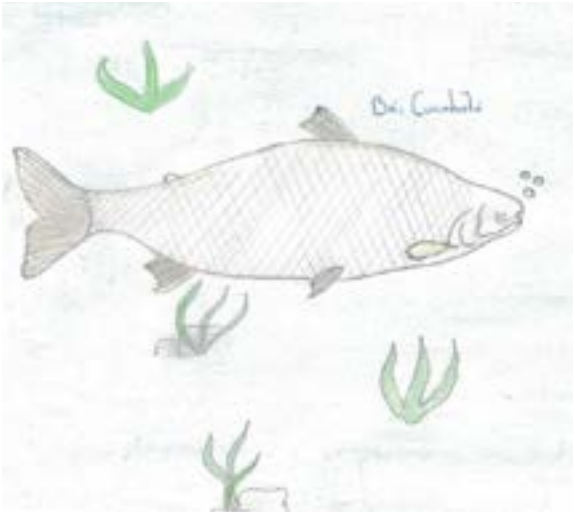
Ela é encontrada no rio Paraguai, no rio Bugres e baías no fundo da água, ou seja, nas areias. É usado na nossa alimentação de algumas famílias.

Eu e minha família gostamos de comer a arraia frita.

Kátia Nayara Amajunepá Enemaré. 1º Ano do Ensino Médio.

BÓ
CORIMBATÁ

CORIMBATÁ
BÓ PITUKWÁ.
O CORIMBATÁ É GOSTOSO.

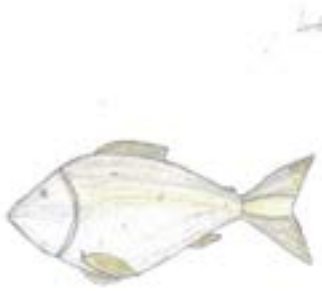


É um peixe de escamas prateadas, sua principal característica da família é a boca portátil, forma de ventosa, com lábios carnosos onde estão implantados pequenos dentes enfileirados.
O corimbatá pode alcançar de 30 a 80 centímetros de comprimento dependendo da espécie. Ele é encontrado no rio Paraguai e no rio Bugres.
É muito importante na alimentação do povo Balatiponé-Umutina. É servido no cardápio assado, cozido e frito. É muito gostoso com beiju.

Andreia Terena Uapodonepá
Parikokoreu. 2º Ano - Ensino Médio.

TIPORY
LAMBARI

TIPORY HARÉ MAKEWÁ KURIKÁ PITUKWÁ.
O LAMBARI É UM PEIXE MUITO PEQUENO E BONITO.



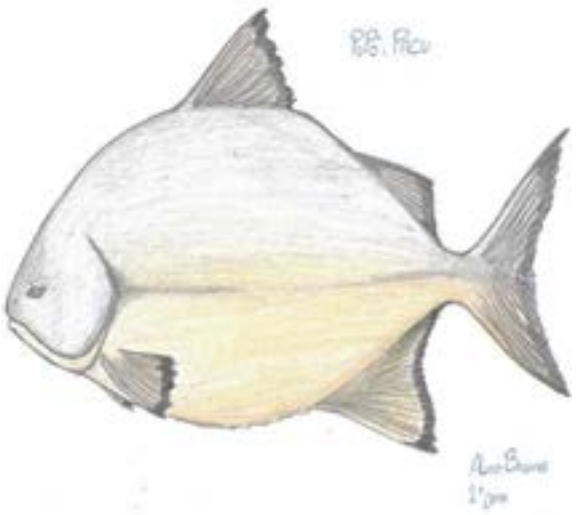
O lambari é uma espécie de peixe pequeno de cor branca, brilhante e pinta preta. Se alimenta de pequenas algas ou sementes. No território Umutina, o lambari é encontrado nas águas do rio Paraguai, rio Bugres, em pequenas baías e no córrego dezoito.

O lambari é muito importante para o povo Balatiponé-Umutina. pode ser pescado por anzol ou com timbó. No córrego Dezoito é muito bom para pescar de anzol. Quando é pescado tem diversas formas de preparo, tanto frito, cozido ou assado.

Bruno Enemaré Amajunepá. 2º Ano - Ensino Médio.

POPÔ
PACU

POPÔ HARÉ PITUKWÁ.
O PACU É UM PEIXE GOSTOSO.

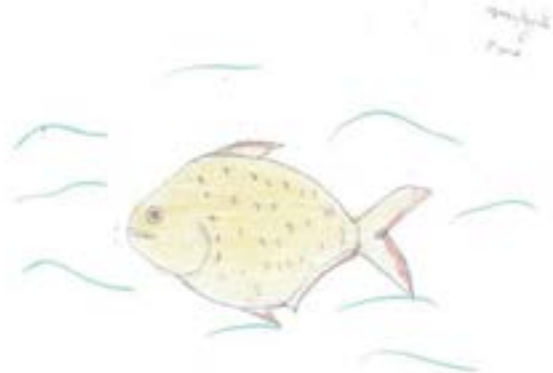


O pacu é um peixe que pode ser encontrado em diversos rios. Como por exemplo rio Paraguai e rio Bugres. Ele é um peixe que se alimenta de frutos, caranguejos e detritos orgânicos.
O pacu é muito difícil de ser encontrado na época da seca. Pois, nessa época ele sobe o rio até chegar à piracema onde ele desce o rio para desovar.
Ele é redondo e até se parece com um lambari, só que mais grande. Além disso, ele é um peixe muito saboroso e pode ser consumido cozido, frito ou assado.

Ruan Pablo de Sousa Amajunepá. 2º Ano - Ensino Médio.

BURÊ
O SAUÁ

BURÊ BERETI
O SAUÁ É VERMELHO.

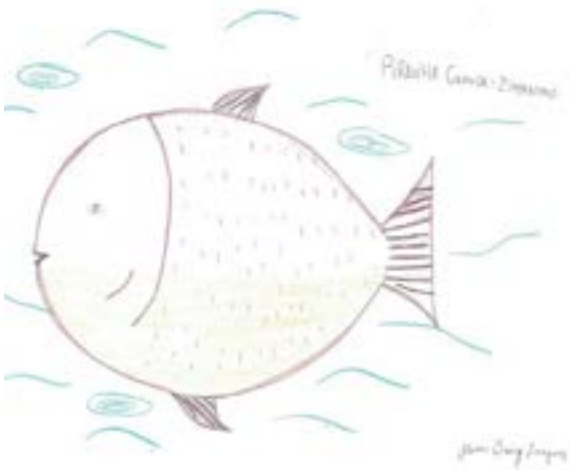


O sauá é parecido com o lambari. É facilmente encontrado nos rios. É muito consumido pelo povo Balatiponé-Umutina.
Pode ser pescado com anzol e também em redinha. Pode ser comido cozido, assado e também frito.

Vítor Corezomaé de Oliveira.

ZIMANIMO
PIRANHA GRANDE

ZIMANINO MUTUTY.
A PIRANHA É PESADA.

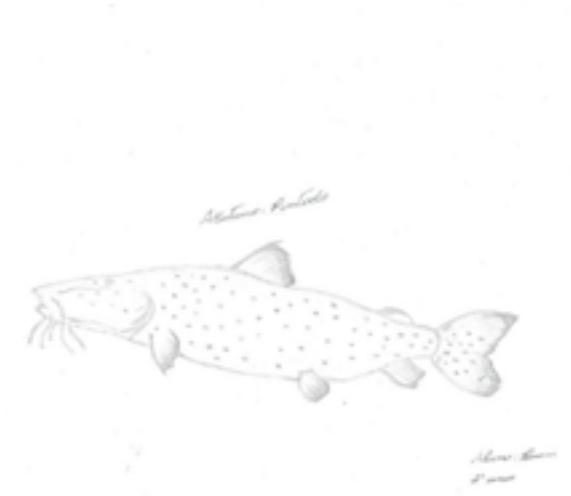


A piranha grande é um peixe muito bonito com suas cores amarela e marrom. Além disso, são perigosas por conta das suas mordidas que são muito fortes. Pode, com certeza, arrancar o dedo humano.
Mas, a piranha é muito saborosa, seja frita ou cozida. Ela é encontrada nas baías do rio Bugres e até mesmo no rio Bugres. A piranha também é muito importante para a nossa alimentação.

Gean Corezomaé Amajunepá. 3° Ano do Ensino Médio.

AKATUNO
O SURUBIM

AKATUNO PITUKWÁ.
O SURUBIM É PESADO.



É um peixe que na língua portuguesa é chamado de pintado/surubim. O pintado é um peixe grande e bonito. Suas pinturas são divinas.

É um peixe que vive em água doce e pode ser encontrado aqui no rio Paraguai. Ele é muito importante para o povo Balatiponé-Umutina, pois, é muito importante para nossa alimentação e a sua pintura faz parte da nossa cultura. O pintado é feito ao molho, frito e assado.

Gean Corezomaé Amajunepá. 3º Ano do Ensino Médio.

ZATI IMOTÔ

OS ANIMAIS DA MINHA TERRA

APRESENTAÇÃO

O Território Balatiponé-Umutina em quase toda a sua totalidade é circundado por rios. A direita fica o rio Olaripô (Paraguai), à esquerda o rio Xopô (Bugres). De fronteira seca totaliza apenas 12 km em linha reta. Apesar de ser um território relativamente pequeno, se comparado a outras terras indígenas. No entanto, como a vegetação é diversificada, oferece condições para a presença de inúmeras espécies.

Somado a isso, tem se o agravante do desmatamento das fazendas ao entorno do Território para o plantio de lavouras de cana-de-açucar e pasto para gado. Com isso os animais procuram as matas do território para viver.

Os animais desde sempre tiveram e tem importância fundamental para o povo Balatiponé-Umutina. Além, da carne de diversas espécies servir como alimentação, algumas partes dos animais são usadas para a confecção de adornos. A exemplo, dos dentes dos catetos, queixadas e onças que são usados para a confecção dos colares masculinos. Os colares femininos, geralmente são feitos de dentes de jacaré, macaco ou quati.

As peles de onças, jaguatiricas, lontras, ariranhas são usadas pelos dançarinos nos rituais. Antigamente, nas guerras os couros de animais protegiam o guerreiro de eventuais flechadas do inimigo. O uso da pele, principalmente de onças confere prestígio às pessoas que as usam.

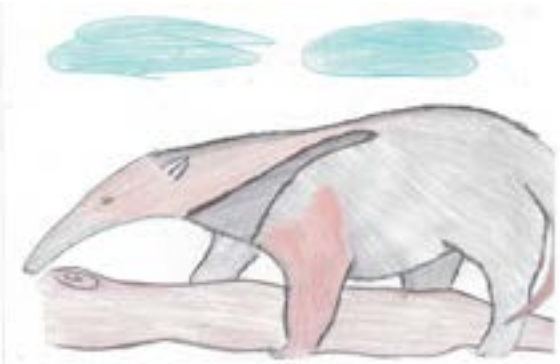
Diversas danças e rituais homenageiam os espíritos protetores dos animais e da floresta. Para uma caçada ser proveitosa o caçador antes e depois precisa fazer oferendas aos donos dos animais.

Os textos e as ilustrações, mais uma vez, foram elaborados pelos estudantes do 6º ano em diante. O objetivo é ser usado como material de alfabetização e leitura pelas séries/anos iniciais. Consequentemente, a partir destes materiais, poderão ser elaboradas novas atividades, conforme o planejamento e as finalidades pretendidas por cada professor.

Neste sentido, entende-se que, professores de diferentes Áreas do conhecimento e/ou disciplinas poderão utilizá-los em suas aulas. Foram feitos esforços no sentido de fazer a língua Umutina presente, mesmo que em frases curtas, o que possibilita o contato dos estudantes com a língua e auxilia na construção de novas frases e textos nesta.

APÓ
TAMANDUÁ-MIRIM

BOÉ KURIKÁ.
O TAMANDUÁ-MIRIM É PEQUENO.



O tamanduá-mirim é um animal muito bonito. Suas cores são pretas, cinza e marrom. O seu tamanho é médio.

É um animal que sobe em árvores a procura de cupins e formigas. Os Balatiponé-Umutina usam o seu couro como enfeite (biriká-apó). Além de se alimentar de sua carne.

Ele vive principalmente em campos e matas fechadas em cima de árvores.

Bruno Enemaré Amajunepá. 2º Ano – Ensino Médio.

BOÉ
TAMANDUÁ-BANDEIRA

BOÉ KOXIPORÉ BOLOTUXIXI.
O TAMANDUÁ-BANDEIRA É GRANDE E PRETO.

O tamanduá-bandeira é um animal grande. Se alimenta de formigas, cupins e demais insetos. Tem hábitos noturnos.

Poucas pessoas se alimentam de sua carne.

É um animal importante para o povo Balatiponé-Umutina. O desenho da pintura de sua pele simboliza a força do homem Balatiponé.

Cleiciellye Calomezoré da Silva. 1º Ano do Ensino Médio.

PÁGIO
MACACO BÚGIO

PÁGIO PIKINA.
O MACACO BUGIO É FEIO.

O macaco bugio é uma das diversas espécies de macacos encontrados no território Umutina. Tem a cor preta e marrom. É grande e se alimenta de frutos. Vive principalmente, nas margens do rio Paraguai e Córrego Dezoito.

Para os Umutina, quando ouvem seus gritos é sinal de que vem chuva ou frio. Os Umutina usam principalmente seus dentes para fazer o colar das mulheres e seu couro é esticado para os meninos pequenos usar no ritual.

Bruno Enemaré Amajunepá.
2º Ano – Ensino Médio.

AYKITO
GATO

AIKITO PITUKWÁ.
O GATO É BONITO.

O gato é um animal doméstico. É carnívoro e se alimenta de peixes e ração. Ele gosta de caçar ratos, lagartixas e cobras. Aqui na aldeia tem vários gatos.

JUKUYTÁ
ONÇA PINTADA

JUKUYTÁ BIÁ
BOTORIKARÉ.
A ONÇA PINTADA MATOU
A QUEIXADA.

A onça pintada é amarela e as bolinhas do corpo são pretas. Elas são muito bravas.

Ela é encontrada nas matas. A pele da onça é usada como adorno. A onças pintada é um animal carnívoro. Se alimenta de outros animais como: veados, queixadas, catetos, tatus, jacaré e outros animais.

PULOPULO
ONÇA PRETA

PULOPULO BIÁ KUÍ.
A ONÇA PRETA MATOU
A ANTA.

A onça preta é um animal bonito e grande. Costuma caçar a noite e por isso caminha grandes distâncias.

É carnívoro e se alimenta de outros animais. É um animal perigoso quando se sente ameaçado podendo atacar o ser humano.

A pele da onça é usada nas costas do dançarino Balatiponé-Umutina durante os cerimoniais e dos dentes são feitos colares para os homens.

JIRIKIKI
JABUTI

BARIPÔ HATÓ JIRIKIKI.
O HOMEM QUEBROU O JABUTI.

O jabuti vive nas matas e áreas abertas. Tem escamas vermelhas na cabeça e nas patas. Os machos são maiores que as fêmeas.

O casco do jabuti é usado para fazer artesanato como colar e outros.

Ele se alimenta de vários frutos como açaí. Também gosta de alimentos em decomposição.

UYBÁ
CAPIVARA

UYBA KUTÚ PURUKWÁ.
A CAPIVARA BEBEU ÁGUA.

A capivara é um animal grande. Tem pelos marrons e gosta de ficar nas margens de rios e lagos. É herbívoro e se alimenta de capins.

Ela costuma atacar os plantios das roças para se alimentar.

Muitas pessoas se alimentam de sua carne.

APOUTO
RATO

APOUTO KURIKÁ PIKINA
O RATO É PEQUENO E FEIO.

O rato é um animal pequeno. Gosta de comer restos de alimentos das casas. Também vive em locais abandonados. Gosta de sair a noite para procurar comida.

É considerado uma praga tendo de ser combatido porque pode transmitir doenças ao ser humano.

IPIZEKOZITABU
ARIRANHA

IPIZEKOZITABU NOA HARÉ
A ARIRANHA COMEU O PEIXE.

A ariranha é um animal que gosta de ficar nas margens de rios e lagos. Se alimenta basicamente de peixes.

A sua carne não é usada na alimentação.

Mas a sua pele pode ser usada em rituais nas costas do dançarino.

HAPÚ
PACA

HAPÚ AMUXIXI.
A PACA É GORDA.

A paca é um animal de hábitos noturnos. Gosta de sair à noite para tomar água e procurar alimentos que geralmente são frutos ou sementes.

A paca tem uma carne muito saborosa. Por isso, é muito apreciada pelos Balatiponé-Umutina.

MAMO
CAXINGUÊLE

MAMO AKUKU.
O CAXINGUELE É LEVE.

O caxinguelê é um animal muito bonito. Tem os pelos fofos e macios. São rápidos e gostam de ficar em árvores.

Se alimentam de frutas e sementes. Algumas pessoas consomem a sua carne.

ATIPITITI
VEADO

ATIPITITI HITÚ MAKEWÁ.
O VEADO CORRE MUITO.

O veado é um animal grande e bonito. Gosta de ficar nos campos e em matas abertas. Se alimenta de capins, folhas e frutos. Tem os pelos avermelhados e as pernas compridas o que garante ser um bom corredor. Principalmente, para poder escapar de seus predadores.

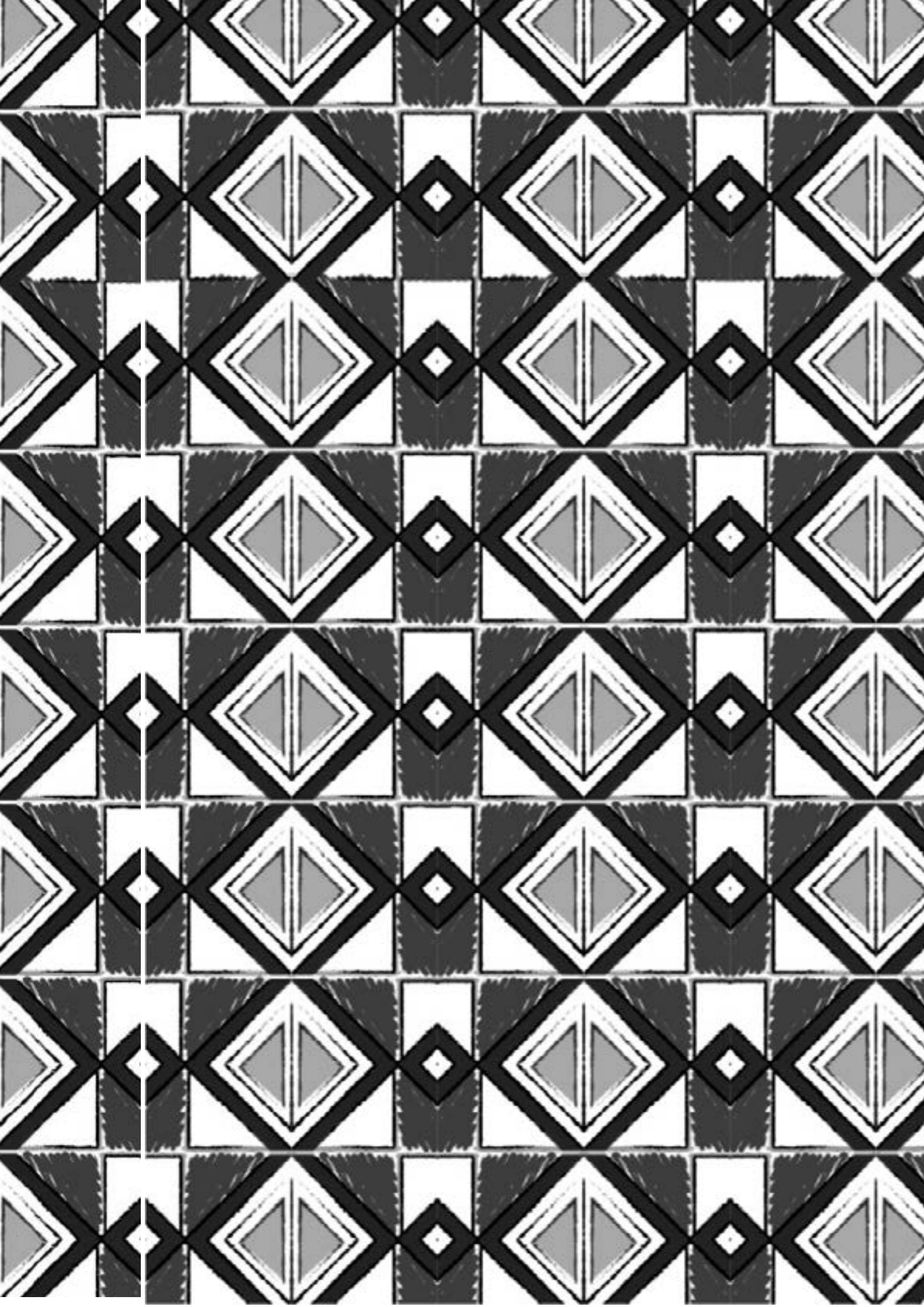
A sua carne é macia e saborosa, por isso é muito apreciada pelos Balatiponé-Umutina. os homens também usam a sua pele como adorno nas danças.

AKOKONÔ
LOBO

YOKOMIXINA KIXI AKOKONÔ.
O MEU AVÔ VIU O LOBO.

O lobo é um anila de hábitos noturnos. Se alimenta de frutos e carnes. É muito dificil ver esse animal, pois é muito ligeiro e arisco.

Kátia Nayara Amaunepá. 9º Ano – Ensino Fundamental.



RESUMO

A Coleção Didática "Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso", resulta do trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores indígenas em parceria com não indígenas vinculados às IES que constituem a Rede ASIE-UFMT: UFMT (Cuiabá), Unemat (Sinop e Juara) e UFR (Rondonópolis), em sua terceira edição. Nesta etapa incluímos 11 novos livros aos 14 já publicados pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola realizado com apoio do MEC. Os livros são dos professores indígenas para suas respectivas escolas: Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku, Terena, Bororo, Balatiponé/Umutina, Chiquitano, Xavante e Kurâ-Bakairi. O trabalho expressa a força do Esperançar indígena em tempos tão complexos e sombrios, enfrentados coletivamente no período de pandemia pelo Covid-19. Os livros, como material didático voltado à realidade sociocultural e linguística, visam valorizar epistemologias próprias como direito à Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada para cada aldeia e Povo Originário.

Beleni Saléte Grando
Coordenadora do ASIE – Rede UFMT

ISBN: 978-65-86743-60-9
9 786586 743609

UNISELVA UFR UNEMAT UFMT MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL